



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO

**24h de ódio na teletela interativa: Vigilância, ódio, guerra e *fake news* hoje e em 1984, de
George Orwell**

Ana Cristina Silva Bittencourt

Rio de janeiro/ RJ
2018

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**24H DE ÓDIO NA TELETELA INTERATIVA: VIGILÂNCIA, ÓDIO, GUERRA E
FAKE NEWS HOJE E EM 1984, DE GEORGE ORWELL**

Ana Cristina Silva Bittencourt

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação em Produção Editorial.

Orientador: Prof. Dr. Octavio Carvalho Aragão Júnior

Rio de Janeiro/ RJ
2018

BITTENCOURT, Ana Cristina Silva.

24h de ódio na teletela interativa: Vigilância, ódio, guerra e *fake news* hoje e em *1984*, de George Orwell/ Ana Cristina Silva Bittencourt – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2018.

59 f.

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2018.

Orientação: Octavio Carvalho Aragão Júnior

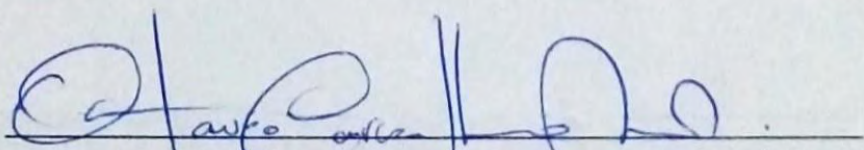
1. Estudo comparativo. 2. *1984*. 3. George Orwell. I. ARAGÃO JÚNIOR, Octavio Carvalho (orientador) II. ECO/UFRJ III. Produção Editorial IV. 24h de ódio na teletela interativa: Vigilância, ódio, guerra e *fake news* hoje e em *1984*, de George Orwell

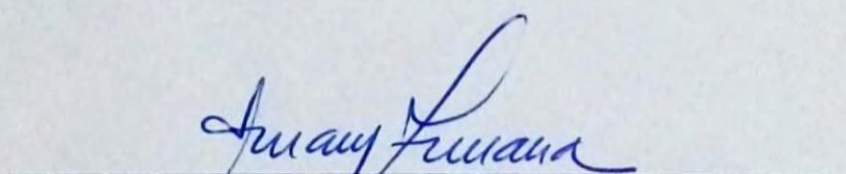
**24H DE ÓDIO NA TELETELA INTERATIVA: VIGILÂNCIA, ÓDIO, GUERRA E
FAKE NEWS HOJE E EM 1984, DE GEORGE ORWELL**

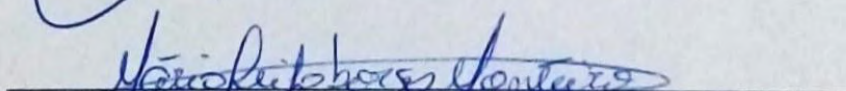
Ana Cristina Silva Bittencourt

Trabalho apresentado à Coordenação de Projetos Experimentais da Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social, Habilitação Produção Editorial.

Aprovado por


Prof. Dr. Octavio Carvalho Aragão Júnior – orientador


Prof. Dr. Amaury Fernandes da Silva Júnior


Prof. Dr. Mário Feijó Borges Monteiro

Aprovada em: 22/11/2018

Grau: 9,0

Rio de Janeiro/RJ

2018

DEDICATÓRIA

À minha vó Terezinha e à minha mãe e meu pai, por toda a luta para que eu chegasse até aqui.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Octávio, pela paciência, pela cobrança e pelos incentivos, sem eles nunca teria começado a escrever, e muito menos mantido a fé que esse trabalho iria sair.

Aos meus amigos: Eric, Amanda e Larissa, pelo incentivo e por todas as (muitas) vezes que eu resmungava que esse trabalho, infinito como o alcance dos olhos do Grande Irmão, não acabaria nunca. Ao meu melhor amigo, Tristan (Swell), por me empurrar ladeira acima quando eu empacava e por todas as vezes que eu tentei explicar as teorias doidas que eu criava. À minha amiga Lorena, pelos zaps motivacionais e por ter me enviado todos aqueles textos que eu pedi e nunca usei. À minha parceira de ECO e de república, Carol, pelos fast-foods e pizzas de dia de semana e pela disponibilidade de xingar junto qualquer energúmeno (pessoa física ou jurídica) quando necessário. Às minhas companheiras nessa viagem louca que é o curso de Produção Editorial: Isa, Lohaine e Mariá, pela amizade e por compartilhar a fé nos livros e nos leitores. À Luíza Côrtes e à Stella Carneiro, pelo carinho e paciência em me ensinar o mercado editorial, e pelas folgas.

À minha avó Tereza por todo o amor e carinho e pelos abraços quentinhos. À tia Sônia, por todo o amor, carinho e incentivo. À minha mãe, Neide, e meu pai, Ricardo, por me ensinarem o amor e a tolerância e por terem me dado o amor à leitura mesmo sem muita intimidade com os livros. À minha irmã, Bia, minha luzinha e minha maior inspiração de perseverança, por estar sempre comigo, e por aturar quando eu me empolgava com a playlist de músicas pops de 2012 (única coisa que me fazia escrever depois de um certo ponto) e nunca esquecer de gritar: "cala a boca e vai escrever, Ana Cristina!" se eu me distraísse.

À ECO, desde 2014 um lugar muito especial no meu coração, e aos extraordinários professores Andréia Resende, Amaury Fernandes, André Villas Boas e, claro, Mário Feijó.

E finalmente, à Supervia e à Rio Ônibus, pelas milhares de horas dentro do transporte público que me deram tanto tempo para pensar e origem aos melhores insights.

EPÍGRAFE

O'Brien levantou a mão esquerda e mostrou seu dorso para Winston, com o polegar escondido e os outros quatro dedos estendidos.

"Quantos dedos tem aqui, Winston?"

"Quatro."

"E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco — quantos dedos serão?"

"Quatro."

[...]

"Quantos dedos, Winston?"

"Quatro."

[...]

"Quantos dedos, Winston?"

"Quatro! Quatro! Como pode continuar com isso? Quatro! Quatro!"

George Orwell

BITTENCOURT, Ana Cristina Silva. 24h de ódio na teletela interativa: Vigilância, ódio, guerra e *fake news* hoje e em *1984*, de George Orwell. Orientador: Octavio Carvalho Aragão Júnior. Rio de Janeiro, 2018. Monografia (Graduação em Produção Editorial) – Escola de Comunicação, UFRJ. 59f.

RESUMO

Este trabalho procura demonstrar, através de um estudo comparativo, as semelhanças entre a segunda década do século XXI com o livro *1984*, de George Orwell. Mais especificamente em quatro áreas que ganharam destaque na mídia e na opinião pública nos últimos anos: a vigilância estatal, que tinha sua capacidade e abrangência ocultas até as declarações de Edward Snowden; o impacto das *fake news* na distorção da realidade, que tiveram grande relevância na campanha eleitoral de Donald Trump; as manifestações de ódio em massa nos portais de notícia e nas redes sociais e a guerra às drogas, que, sem uma vitória definitiva possível, se retroalimenta perpetuamente, em nome da paz.

Palavras-chave: *1984*; George Orwell; vigilância; *fake news*; ódio; guerra.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
2 A NOVA ERA DA VIGILÂNCIA: EDWARD SNOWDEN VS GRANDE IRMÃO....	13
2.1 OS PERSONAGENS: SNOWDEN E WINSTON.....	13
2.2 SOB O OLHO DO GRANDE IRMÃO.....	16
3 FATOS ALTERNATIVOS: <i>FAKE NEWS</i> NAS TELETelas DO PARTIDO.....	23
3.1 OS PERSONAGENS: TRUMP E O'BRIEN.....	23
3.2 <i>FAKE NEWS</i> NA PROPAGANDA DO PARTIDO.....	27
4 O ÓDIO E A GUERRA INFINITA.....	33
4.1 24H DE ÓDIO NA TELETELA INTERATIVA.....	33
4.2 A GUERRA DE PAZ.....	38
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	44
REFERÊNCIAS.....	47
ANEXOS.....	52

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho são apresentadas diversas semelhanças do livro *1984*, de George Orwell, com a segunda década do século XXI. Em um estudo comparativo, serão abordadas três características presentes de forma semelhante no livro e nesta década. Entre elas os sistemas de vigilância, *fake news*, as notícias falsas, ódio como estratégia coletiva e guerras perpétuas.

Um dos livros mais conhecidos de George Orwell, *1984* está na lista das distopias mais importantes do século XX, ao lado de outros clássicos do gênero como *Admirável mundo novo*, de Aldous Huxley, *Nós*, de Ievguêni Zamiátin e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury. No livro, publicado pela primeira vez em 1949, pouco antes da morte de Orwell, a nação da Oceânia é uma das três grandes potências que disputam o mundo, mas ela, a Eurásia e a Lestásia já sabem que não podem se derrotar. Dentro da Oceânia, Winston, o protagonista, vive sob o regime do Grande Irmão, o líder imortal e inalcançável do Partido que, sendo o único órgão político atuante, se tornou sinônimo de governo, controlando cada aspecto da vida dos cidadãos com uma política autoritária. E através de um controle rígido, e da vigilância constante, o Estado divide a sociedade entre membros do Núcleo do Partido, escolhidos entre os membros jovens mais proeminentes, que têm uma vida privilegiada; os membros comuns; que sofrem com as privações de suprimentos e serviços básicos, e que junto com os membros do Núcleo são extremamente vigiados; e os "proletas", a camada mais pobre, que sem qualquer instrução escolar ou educação formal é mantida entretida e precisa apenas do mínimo controle. As principais organizações do governo são o Ministério da Verdade, "responsável por notícias, entretenimento, educação e belas-artes" (onde Winston trabalha alterando notícias, livros e revistas antigos para condizerem com a nova verdade, sempre que ela se modificar); o Ministério da Paz, "responsável pela guerra"; o Ministério do Amor "ao qual cabia manter a lei e a ordem"; e o Ministério da Punjança, "responsável pelas questões econômicas". Seus nomes em Novafala (o idioma oficial da nação) são "Miniver", "Minipaz", "Minamor" e "Minipuja". O próprio Orwell se refere à língua no Apêndice do livro, dizendo que "o objetivo da novafala não era somente fornecer um meio de expressão compatível com a visão de mundo e os hábitos mentais dos adeptos do socing, mas também inviabilizar todas as outras formas de pensamento". Sendo "socing" o modelo político seguido pelo Partido.¹

¹ Todas as citações do parágrafo são de (ORWELL, 2009).

Foram então selecionados três aspectos da década que se tornaram marcantes devido a eventos que tiveram um grande impacto na ordem mundial e/ou que são essenciais para a estrutura social e econômica do momento. A definição de quais momentos foram considerados de maior importância foi feita considerando a relevância deles na opinião pública ocidental. É importante ressaltar esse ponto, pois no oriente há regimes autoritários como o do Partido Comunista Chinês (o único do país) e o de Kim Jong-Un, na Coreia do Norte, que se assemelham muito mais ao romance de Orwell do que os países que se dizem democráticos, especialmente nas áreas estudadas neste trabalho. Na China, em março de 2018, Xi Jinping conseguiu aprovar no congresso do partido uma emenda na constituição que o torna presidente vitalício, e não mais apenas até 2023, quando terminaria seu mandato (CHINA, 2018). O Partido Comunista também sustenta um rígido controle da internet e da oposição política. Já na Coreia do Norte, há apenas dois canais de televisão, ambos estatais, que incentivam em seus programas os cidadãos a trabalhar e falam sempre a favor do "grande líder", Kim Jong-Un, e do governo (DA CAPITAL, 2018). Porém, especialmente por haver uma maior disponibilidade de informações, e porque dificilmente se fazem análises espontâneas com o romance de George Orwell optou-se por fazer a comparação com eventos da sociedade ocidental, que, como será demonstrado a seguir, apresenta diversas semelhanças.

Os eventos que fazem lembrar o romances de Orwel tiveram um grande impacto na opinião pública, sendo dois deles responsáveis por uma alta significativa nas vendas de *1984*, mais especificamente nos Estados Unidos.

O capítulo um compara as estratégias de vigilância do Partido sobre os cidadãos da Oceânia e nesta década, que não apenas são praticadas pelos governos, mas da população sobre si própria, tendo como evento-base a delação de Edward Snowden sobre o vasto sistema de vigilância praticado pelo governo norte-americano sobre cidadãos do mundo todo. Durante a grande repercussão do caso na mídia, em 2013, as vendas de *1984* deram um salto. Uma das edições chegou a ter um aumento de 10.000% nas vendas, passando da posição 11.855 para 123 na lista dos mais vendidos da Amazon.com (RILEY, 2013). Tendo o próprio Snowden feito uma comparação entre os sistemas em uma entrevista, dizendo que a vigilância da National Security Agency (NSA), do governo americano, seria ainda pior do que a praticada em *1984*: "os tipos de investigação no livro — microfones e câmeras de vídeo, televisões que nos vigiam — não são nada comparado ao que temos disponível hoje" (MURPHY, 2013). Na primeira parte são comparados Snowden e Winston Smith, o protagonista do livro, na recusa em aceitar e viver sob a opressão em que estão e na busca por uma sociedade diferente. Na segunda parte são comparadas as estratégias de vigilância do Partido, como a Polícia do

Pensamento, que é capaz de ver e ouvir a todos a qualquer momento, com o objetivo de moldar os pensamentos e ações para que ninguém seja capaz de contrariar o governo, ou seja, portando um caráter disciplinar. Já nesta década a vigilância governamental busca por ameaças ao *status quo*, enquanto o aspecto disciplinar está distribuído, na vigilância de todos sobre todos.

No capítulo dois é comparada a manipulação e fragilidade da realidade na Oceânia com toda a propaganda do Partido, e no governo de Donald Trump, com as *fake news*. O governo de Trump também provocou uma alta nas vendas de *1984*, em 2017. Quando Kellyanne Conway, chefe de campanha do atual presidente norte-americano, comentou durante uma entrevista sobre a declaração comprovadamente falsa do secretário de imprensa do governo de que a audiência da posse de Trump teria sido a maior da história. Na entrevista ela disse que o secretário havia apenas dado "fatos alternativos". Jornalistas logo fizeram uma relação desta frase com o livro de Orwell, causando um disparo nas vendas, fazendo com que ele chegasse ao sexto lugar na lista de mais vendidos da Amazon.com (SALES, 2017). Na primeira parte do capítulo são comparados Trump e O'Brien, nas suas tentativas de fazer terceiros acreditarem que sua visão de mundo é a única correta (no caso de O'Brien a visão do Partido) e qualquer ideia contrária ou que não siga seus preceitos é falsa. Na segunda parte são comparadas as *fake news* e a propaganda do Partido, que tentam distorcer a realidade a favor de quem a produz.

Já no capítulo três optou-se por falar de características mais estruturais. Na primeira parte se comparam as expressões de ódio de forma gratuita e também de certa maneira estimulada institucionalmente. Em *1984*, os Dois Minutos de Ódio são promovidos pelo Partido, e mesmo que tecnicamente não seja obrigatório (já que na Oceânia não há leis) eles devem ser cumpridos, assim como toda atividade rotineira promovida pelo Partido, como os exercícios pela manhã, ensinados (e monitorados) pela teletela, por exemplo. Os Dois Minutos de Ódio são necessários para que a estrutura social montada pelo Partido funcione, e é utilizado como um momento de escoamento (autorizado e controlado) da insatisfação do indivíduo contra o sistema, sendo sempre praticado em locais públicos, onde esse "escoamento" deixa de ser um grito solitário, dissonante, e passa a fazer sentido como um sentimento coletivo. Desse modo, essa forma de expressão de ódio é comparada com o ódio disseminado on-line pelos *haters*, nos espaços de comentário dos portais de notícia e nas redes sociais. Na segunda parte é abordada a "guerra infinita", que é extremamente necessária para que o sistema de ação e psicológico do Partido funcione, servindo de justificativa para a baixíssima qualidade de vida dos proletas e dos membros de fora do núcleo do Partido, e

também para qualquer ação extrema, em nome da defesa da nação. A guerra ininterrupta é comparada à guerra às drogas que, com a lógica da proibição, é combatida sem qualquer expectativa além de pequenas vitórias esporádicas, e acaba reforçando um sistema de exclusão da população mais pobre, aumentando a força do "inimigo" na mesma proporção em que aumenta sua intensidade de combate. Mas que quando deixa de atuar também reforça o lado combatido, forçando o Estado a manter a guerra indefinidamente.

2 A NOVA ERA DA VIGILÂNCIA: EDWARD SNOWDEN VS GRANDE IRMÃO

Aqui serão vistas as estratégias de vigilância das sociedades de 1984 e nosso momento atual, que começou a ser discutido de forma incisiva após as revelações feitas por Edward Snowden sobre a vigilância em massa feita pela NSA, do governo americano, com parceria de governos de outros países e empresas privadas.

Oficialmente, o vazamento começou nos dias 5 e 6 de junho de 2013, quando o jornal britânico *The Guardian* publicou as primeiras reportagens sobre ordens judiciais que exigiam que empresas de comunicação como a Verizon (empresa de telefonia americana), Facebook, Google e outros gigantes da internet permitissem o acesso do governo aos seus sistemas de dados. Em 9 de junho, Snowden se revelou ao público como sendo o delator e, no dia 14, o Departamento de Justiça americano o acusou de violar da Lei de Espionagem, promulgada em 1917. Em 1º de agosto do mesmo ano, Snowden conseguiu asilo político temporário na Rússia, que mais tarde foi estendido.²

2.1 OS PERSONAGENS: SNOWDEN E WINSTON

Edward Snowden nasceu em junho de 1983, na Carolina do Norte, Estados Unidos. Trinta anos depois, em junho de 2013, revelava ao mundo os programas de espionagem do governo americano sobre cidadãos e líderes do mundo inteiro, como Dilma Rousseff, Angela Merkel, entre outros.

A vida acadêmica de Snowden não teve grandes marcos, apenas conseguiu um diploma de ensino médio após cursar os créditos necessários em uma faculdade comunitária (que também não terminou), onde estudou computação. Snowden iniciou a carreira profissional servindo ao Exército americano, e somente após ser dispensado, devido a um acidente de treinamento em 2005, que entrou para o Centro de Estudos Avançados em Linguagem da Universidade de Maryland, patrocinado pela NSA (PROFILE, 2013). Entre 2006 e 2009 trabalhou na CIA, ficando responsável pela manutenção da segurança da rede de computadores da organização, em Genebra. Foi nessa época que teria percebido e ficado contrariado com o modo de atuação dos serviços secretos americanos.³ Já em 2009 entrou para a Dell, empresa que cuida de sistemas de diversas agências americanas, e trabalhou como terceirizado para a NSA.

² (GIDDA, 2013) e (EDWARD, 2014).

³ (GREENWALD; MACASKILL; POITRAS, 2013).

Segundo a entrevista de um colega (que preferiu não se identificar) para a *Forbes*, Snowden era um "gênio entre os gênios". Como especialista em segurança tecnológica, ele criou um sistema de backup usado pela NSA até hoje e, quando foi transferido para o Havaí, seu trabalho era construir um novo sistema para a Agência, ganhando de seus superiores livre acesso aos documentos secretos do governo americano. Pouco antes de decidir vaziar os arquivos, Snowden recusou uma vaga no time de elite da organização e optou por continuar como um terceirizado, porém trocando a Dell pela Booz Allen, no Centro de Operações da NSA.⁴

Snowden começou a recolher os documentos em 2012, enquanto trabalhava na Dell (HOSENBALL, 2013). Segundo a *Reuters*, a decisão de ir para a Booz Allen se deu principalmente pelo acesso aos documentos ultrassecretos aos quais passou a ter acesso como administrador de sistemas. Já no momento de vaziar os documentos e expor a Agência, Snowden optou por fazê-lo através de jornalistas (em particular Glenn Greenwald, do *The Guardian*) para que eles pudessem separar os documentos relativos a questões reais de defesa nacional do Estado americano dos arquivos de interesse público.⁵

Laura, a documentarista que acompanhou Snowden durante esse processo, mostra os primeiros dias de dele em Hong Kong, o lugar escolhido para se abrigar, logo antes do vazamento se tornar público. No filme, lançado em 2014, Laura mostra a transformação do colega desde um técnico desconhecido até cerca de um ano após a primeira divulgação, quando já estava instalado na Rússia, com asilo político garantido. Em *Citizenfour*, Laura também grava algumas das entrevistas que Snowden deu a Greenwald e a Ewen MacAskill (Jornalista investigativo, também do *The Guardian*). Na primeira, concedida a Greenwald, ele fala quais são suas motivações:

Para mim tudo se resume ao poder estatal e a capacidade da população de *realmente* se opor a esse poder. Todos os dias eu ficava lá, sentado, sendo pago para criar novos métodos de ampliar esse poder, pensando que se essa política não mudasse, ninguém poderia realmente se opor a ele.⁶

⁴ (GREENBERG, 2013).

⁵ (POITRAS, 2014).

⁶ Tradução livre da transcrição do seguinte trecho de *Citizenfour*: "So, for me it all comes down to state power against people's ability to *meaningfully* oppose to that power. And I'm sitting there everyday, getting paid to design methods to amplify that state power, and I'm realising that if the policy switches weren't changed you couldn't *meaningfully* oppose this".

Se Snowden vivesse no universo de *1984* poderia ser comparável à Winston, pois ambos demonstram uma preferência pela a visão do "bem maior", a certeza de que nada iria mudar agora, mas que os riscos e sacrifícios valeriam pela possibilidade de liberdade de pensamento, de ação e pela privacidade. Snowden também diz que estaria "mais disposto a correr o risco de ser preso ou a sofrer qualquer outro desdobramento negativo do que arriscar o exercício da própria liberdade intelectual e de seus conhecidos".⁷

Snowden parece ter fé na democracia. Em diversos relatos, diz que pensou em tornar pública a forma de agir da CIA, que participa das ações de vigilância em massa da NSA. Segundo ele, a agência incentivou um banqueiro a dirigir embriagado e logo após ofereceu ajuda em troca de informações privilegiadas. Mas com a promessa do, na época recém-eleito, presidente Obama de regular as agências de inteligência, desistiu e se manteve trabalhando diretamente para o Governo.⁸

Já Winston, apesar de estar em uma estrutura política-social muito diferente, em diversos aspectos, da realidade atual, faz lembrar Snowden quando segue na busca para descobrir como realmente era a sociedade da Oceânia antes da Revolução do Partido, porque mesmo apenas com vagas memórias de sua infância, o personagem sente que há uma alternativa àquele regime, que é possível viver em uma sociedade com a liberdade de expressão para poder dizer que 2 mais 2 são 4, sem ser perseguido por isso. E que a população como um todo teria a possibilidade de se organizar contra o poder estatal quando ele dissesse que não, que são 5.

Já a NSA parece ter muito em comum com o Ministério do Amor. A NSA foi criada em 1952, pelo presidente Harry Truman, no contexto da Guerra Fria e faz parte do Departamento de Defesa, atuando no setor de inteligência. Segundo o site da própria Agência, ela:

atua dentro do Governo em criptologia e une a captura de sinais estrangeiros [aos Estados Unidos] de potenciais terroristas, a capacidade de lidar com informações ultrassecetas, e intermediar operações de computadores em rede para ganhar vantagens nas decisões para a nação americana e seus aliados.⁹

⁷ Tradução livre da transcrição do seguinte trecho de *Citizenfour*: "I'm more willing to risk imprisonment or other negatives outcomes personally than I am willing to risk the criterion of my intellectual freedom and that of those around me".

⁸ (GREENWALD; MACASKILL; POITRAS, 2013).

⁹ Esta e citações do próximo parágrafo: (NSA, s/d).

Ela também se descreve como "líder mundial em criptologia" e entre seus valores estão: "Honestidade, respeito pela lei, integridade e transparência". Sobre esse último ela completa dizendo que a Agência "abraça a transparência no maior alcance possível, que nunca esquece que ela também é feita de americanos, e que em toda atividade se compromete no objetivo de garantir a segurança e liberdade dos cidadãos americanos". Mas apesar de anunciar todos esses valores, a NSA se contradiz sendo uma das agências mais secretas do mundo, que não foi oficialmente reconhecida por mais de duas décadas, e que tem a maior parte do seu modo de funcionamento, atividades e até a quantidade de funcionários ainda confidenciais.

No início, a NSA se dedicava apenas à vigilância de comunicação de países estrangeiros, mas com o avanço da tecnologia, permissões presidenciais e do congresso, a vigilância foi se estendendo para um número cada vez maior de cidadãos, inclusive americanos. O *The Guardian* afirma que "uma estimativa sugere que cada base da agência recolha cerca de 1 bilhão de e-mails, chamadas telefônicas e outras formas de comunicação todos os dias. E a agência tem 20 bases". E uma das fontes da reportagem completa: "Isso não é ficção científica. Isso está acontecendo agora".¹⁰

2.2 SOB O OLHO DO GRANDE IRMÃO

Essa comparação uma ficção científica não se dá por acaso; as polícias em 1984 fazem um trabalho bem parecido, apenas com efeitos diferentes. As patrulhas realizam o controle físico, aparente, com rondas de helicópteros regulares e agentes reconhecíveis, mas como diz Winston: "As patrulhas, contudo, não eram um problema. O único problema era a Polícia das Ideias" (ORWELL, 2009, p. 13). Assim como a NSA, a Polícia das Ideias vigia "sob uma camuflagem". Ela pode ou não estar vigiando, a todo tempo, em todo lugar, é impossível saber.

Em 1984, a Polícia das Ideias tem como principal forma de recolhimento de informação os espiões "infiltrados" na sociedade, membros do Núcleo do Partido, que tem como trabalho olhar a todos em busca de um traidor e, claro, fazer emboscadas se necessário. Outro recurso que a Polícia utiliza é a teletela, presente em cada casa, cômodo, comércio e qualquer lugar que apresente o risco da privacidade. Ela transmite 24 horas, sete dias por semana, uma programação feita por funcionários do Ministério da Verdade. O único controle que o vigiado tem é sobre o volume, mas ela não pode ser desligada, pelo menos não pelos

¹⁰ Informações sobre a NSA neste e no parágrafo anterior: (GREENWALD; MACASKILL; JULIAN, 2013).

membros comuns do Partido. Mas além de produzir a "lenga-lenga infinita" (ORWELL, 2009, p. 13), a teletela também capta vídeo e áudio de onde quer que esteja e transmite para a Polícia das Ideias.

É possível pensar a teletela como os computadores, smartphones e qualquer aparelho eletrônico de hoje, que, após Snowden, sabemos estar sendo vigiados. Mas a principal função da teletela é atuar no controle da disciplina pela vigilância. Para Foucault (1987, p. 143) "o poder disciplinar é com efeito um poder que, em vez de se apropriar e de retirar, tem como função maior 'adestrar'". A teletela é o lembrete constante de que todo comportamento está sendo avaliado e é passível de punição. E apesar de a Oceânia não possuir nenhuma lei ou regra específica, os habitantes, exemplificados por Winston, tem uma clara noção do que é desejado do comportamento e aparência deles e o que pode levá-los ao Ministério do Amor. A teletela é o olho do grande irmão, ela impõe sua presença fisicamente para controlar o comportamento dos cidadãos. Foucault, em *Vigiar e punir*, fala sobre a vigilância hierarquizada, argumentando que sua forma de organização

permite ao poder disciplinar ser absolutamente indiscreto, pois está em toda parte e sempre alerta, pois em princípio não deixa nenhuma parte às escuras e controla continuamente os mesmos que estão encarregados de controlar; e absolutamente "discreto", pois funciona permanentemente e em grande parte em silêncio. (FOUCAULT, 1987, p. 148)

Além da teletela, o Partido também utiliza microfones e câmeras escondidos em locais públicos na cidade ou no campo, dos quais toda a população parece saber da existência.

Outra característica do Partido é que ele centraliza todo o poder no Grande Irmão, que é apenas uma figura alegórica, a "personificação do Partido" (ORWELL, 2009, p. 303) e como o próprio O'Brien, o membro do núcleo do Partido que acaba se tornando o torturador de Winston, admite para ele, o Grande Irmão é um líder sem origem definida, que nunca erra e nunca irá morrer (ORWELL, 2009, p. 304). O Grande Irmão é a fonte do terror e, ao mesmo tempo, da salvação. Não é um Czar, um pai, que está no comando por um poder divino, é o irmão mais velho que conquistou sua posição e agora exige obediência. "Ele está de olho em você", ele pune, mas também cuida. É um irmão, um camarada. O Grande Irmão é a cortina de proteção do Núcleo do Partido, seu estado onipresente e virtual confere a noção de que o poder nunca muda de mãos. Foucault diz que:

O poder na vigilância hierarquizada das disciplinas não se detém como uma coisa, não se transfere como uma propriedade; funciona como uma máquina.

E se é verdade que sua organização piramidal lhe dá um "chefe", é o aparelho inteiro que produz "poder" e distribui os indivíduos nesse campo permanente e contínuo. (FOUCAULT, 1987, p. 148)

Essa formatação faz lembrar o panóptico, instrumento arquitetônico desenvolvido no século XVIII, que surgiu como "uma tecnologia de poder própria para resolver os problemas de vigilância" (FOUCAULT, 1979, p. 211) e foi pensado e apresentado por Bentham como "a grande inovação que permitia exercer bem e facilmente o poder" (FOUCAULT, 1979, p. 211). Nesse sistema, a arquitetura, que foi aplicada de forma mais óbvia em escolas, cadeias e hospitais, trabalha a favor do controle na medida em que isola os indivíduos de uma forma que com um mínimo de esforço, com uma torre ou controle central, vigia a todos. Esse sistema acarretou a divisão dos espaços, o isolamento dos alunos, dos presos e dos doentes para aumentar a eficiência do processo de vigilância nos séculos XVIII e XIX.

Seguindo essa linha de pensamento, o Partido cria o que seria a última revolução. Uma sociedade inteira em um formato de "hiperpanóptico", uma sociedade disciplinar que teria aprendido com todos os erros históricos (antes de, claro, acabar com a História) e conseguido o controle total sobre seus cidadãos. Como nos suplícios dos reis europeus dos séculos XVII e XVIII citados por Foucault, em *Vigiar e punir*, em 1984 não há micropenalidades, nem regras claras de disciplina, apenas regras implícitas de comportamento e punições extremas. Diante do menor erro de "bom senso", a única punição possível é ser encaminhado diretamente para o Ministério do Amor para "ser curado" (ORWELL, 2009, pp. 296-7), ou seja, ser completamente convertido de acordo com a ideologia do Partido.

Outro aprendizado com a monarquia seria a circulação do poder. Com o Grande Irmão como fachada, quase que como um Deus, o poder flui por dentro do Partido, fazendo com que a luta pelo poder individual não interfira no poder que realmente importa, o que deve crescer e se manter por eras, o do Partido. "O Partido não está preocupado com a perpetuação de seu sangue, mas com a perpetuação de si mesmo. Não importa *quem* exerce o poder, contanto que a estrutura hierárquica permaneça imutável" (ORWELL, 2009, p. 247). Foucault também fala sobre isso em *Microfísica do poder*:

O poder não é substancialmente identificado com um indivíduo que o possuiria ou que o exerceria devido a seu nascimento; ele torna-se uma maquinaria de que ninguém é titular. Logicamente, nesta máquina ninguém ocupa o mesmo lugar; alguns lugares são preponderantes e permitem produzir efeitos de supremacia. De modo que eles podem assegurar uma dominação de classe, na medida em que dissociam o poder do domínio individual. (FOUCAULT, 1979, p. 219)

Qualquer membro do Núcleo do Partido só não pode aspirar ao lugar supremo e inalcançável do Grande Irmão, já que por mais poderoso que seja dentro do círculo de convivência em que atue, é imediatamente sugado e devidamente "curado" pelo sistema. Então, o Partido teria conseguido solucionar um dos problemas cruciais do panóptico? Seria a figura do Grande Irmão o olho que tudo vê?

Mas, ao ler Bentham, fica a pergunta: quem ele coloca na torre? Será o olho de Deus? Mas Deus está pouco presente em seu texto; a religião só tem um papel de utilidade. Então, quem? Afinal de contas, é preciso dizer que o próprio Bentham não vê bem a quem confiar o poder. (FOUCAULT, 1979, p. 220)

E, por último, ao Partido só resta tentar acessar os pensamentos de seus membros. Mas, não tendo ainda esse avanço tecnológico, ele procura, através do uso da língua, controlar os pensamentos não doutrinados. Mesmo sem nenhum tipo de especificação do que seria crime, a definição da palavra *pensamento-crime* é bem clara para Winston. "Cometera — e teria cometido, mesmo que jamais houvesse aproximado a pena do papel — o crime essencial que englobava todos os outros. Pensamento-crime, eles o chamavam" (ORWELL, 2009, p. 30). Sendo assim, o Partido ainda segue em busca do objetivo máximo do sistema disciplinar, que a vigilância faça com que o vigiado perca até a capacidade de pensar em desobediência:

Finalmente, a importância da dissuasão, muito enfatizada no texto de Bentham: "É preciso, diz ele, estar incessantemente sob o olhar de um inspetor; isto na verdade significa perder a capacidade de fazer o mal e quase perder o pensamento de querê-lo". (FOUCAULT, 1979, p. 217)

Mas o "panóptico" de 1984 e de hoje são ainda maiores que uma construção arquitetônica. A teletela e as telas derrubam o poder da vida privada que os espaços como os quartos criam, pela separação com a parte "pública" da casa, a sala, a cozinha etc, onde se recebe as visitas, por exemplo. A vigilância das telas transcende a arquitetura, porque é virtual. As teletelas estão em cada ambiente construído, mas ainda são fixas, porém as nossas telas são carregadas e abastecidas por nós mesmos.

Ao contrário de em 1984, onde a vigilância do Estado é imposta e aparente, atualmente ela é feita de maneira silenciosa e velada. Um dos objetivos da vigilância estatal continua sendo manter a "ordem" social e econômica, mas esse olhar não pretende impor a disciplina. Enquanto em 1984 o Partido quer formatar os cidadãos para que cada pessoa não tenha mais a capacidade de agir e nem de pensar em ir contra sua doutrina, nas ditas

democracias da segunda década do século XXI o estado diz que sua vigilância se justifica pois ela atua na *prevenção* de ações que considera erradas, contrárias ao código formal de leis.

Em grande parte das constituições do mundo ocidental, como o Brasil, Estados Unidos e Alemanha, é permitido ao Estado de infringir o direito de privacidade de seus cidadãos em certos casos justificados e aprovados pelo poder judiciário. Porém o que Snowden revelou foi a quebra do Código de leis pelo próprio Estado, já que essas mesmas constituições garantem o direito à privacidade e proíbem a vigilância em massa que, como o delator provou, ocorria na NSA, não só nos Estados Unidos, mas em todo o mundo (ANEXO A — Fac-símile de documento divulgado por Snowden).

Uma reportagem do *The Guardian* afirma que

O Senador Dianne Feinstein, do comitê de Inteligência, afirmou no *USA Today* que "as informações recolhidas pela NSA não são vigilância. [...] a NSA não coleta o conteúdo das comunicações, apenas o tipo de informação que aparece em uma conta telefônica: número de telefones de chamadas feitas e recebidas, a hora e a duração das ligações". (MACASKILL; DANCE, 2013).

Ou seja, que a agência coleta somente metadados, mas, por mais inofensivo que pareça esse tipo de informação, ele pode dizer muito sobre o vigiado. Milhares de empresas como Google, Spotify e Netflix utilizam esses dados para traçar um perfil do usuário e encaixá-lo em certas categorias e direcionar publicidade, conteúdo etc. Porém uma classificação ou dedução de comportamento pelo Estado pode ser perigosa, pois um mal-entendido, uma ligação para um número suspeito por engano, por exemplo, sem uma análise de conteúdo, poderia levar a consequências graves, como expor esse cidadão à vigilância desnecessária e colocar em risco seu direito à privacidade. O infográfico (ANEXO B — Compartilhamento de Informações) da matéria especial do *The Guardian* apresenta de maneira clara o quanto essas informações dizem sobre os cidadãos-usuários.

Além dessa justificativa de recolher apenas os metadados dos usuários, em sua defesa

A NSA diz que precisa de todos esses dados [em uma referência ao número de terabytes recolhidos pela agência atualizado a cada segundo pela reportagem especial do *The Guardian*] para prevenir outro 9/11. Para achar a agulha no palheiro, argumentam, eles precisam ter acesso a todo o palheiro. (MACASKILL; DANCE, 2013).

Porém essa seria uma justificativa duvidosa: a NSA, em busca de proteger os direitos dos cidadãos, infringe os direitos desses mesmos cidadãos. Viola-se a constituição para preservar a própria constituição. Esse tipo de lógica não está tão distante do "duplipensamento" e dos argumentos de O'Brien. O "duplipensamento" é descrito como "a capacidade de abrigar simultaneamente na cabeça duas crenças contraditórias e acreditar em ambas" (ORWELL, 2009, p. 252). O site da NSA fala diversas vezes sobre o combate e a defesa contra os inimigos, mas além da oposição com os americanos não há nenhuma descrição de quem eles seriam, há apenas a indicação de que eles estariam sempre alerta e prontos para atacar, como se uma guerra cibernética ocorresse ininterruptamente, e a agência americana fosse a única salvação possível. Esse clima de guerra contínua permeia toda a sociedade em 1984 e, assim como hoje, justifica o estado de sítio quando convém ao Governo. "Duplipensamento" também é "esquecer qualquer fato que tiver se tornado inconveniente e depois, quando ele se tornar de novo necessário, retirá-lo do esquecimento somente pelo período exigido pelas circunstâncias" (ORWELL, 2009, p. 252). Quando se trata dos inimigos, aplica-se rigorosamente a lei, quando é sobre o próprio Estado, ela está aberta a interpretações.

Mas apesar de toda essa vigilância, o Olho do Estado não tem o caráter disciplinar que aparece na ficção; ele visa manter a ordem social e econômica, mas o aspecto disciplinar se encontra distribuído. Não é mais concentrado em um órgão como o Estado ou a mídia (embora ainda atuem nesse papel), agora, a disciplinarização vem da vigilância de todos sobre todos. Fernanda Bruno define "vigilância distribuída" como

uma vigilância que tende a se tornar incorporada a diversos dispositivos, serviços e ambientes que usamos cotidianamente, mas que se exerce de modo descentralizado, não hierárquico e com uma diversidade de propósitos, funções e significações nos mais diferentes setores [...] Nota-se que em certos casos ela se exerce misturada a dispositivos que não são prioritariamente voltados para a vigilância, sendo assim uma função potencial ou um efeito secundário de dispositivos que são projetados inicialmente para outras finalidades. (BRUNO, 2009, p. 2)

A vigilância hoje se encontra multifacetada, sendo usada para diversas finalidades e com os mais variados meios. Esses dispositivos dos quais Bruno se refere poderiam ser computadores, smartphones, tablets etc. Com a difusão da câmera fotográfica e de filmagem, a captura de "flagrantes" se tornou popular e pode ser feita por qualquer um com um smartphone que, não à toa, aparenta estar em todo lugar (em maio de 2017 o Android ultrapassou os 2 bilhões de usuários e, junto com a Apple, tem cerca de 2700 bilhões smartphones ativos por mês em todo o mundo) (ANDROID, 2017).

Mas mais que os aparelhos, a forma de entrada no "mundo virtual" são os softwares, que dão a forma à rede e permitem a interação cibernética. Essa que, apesar de muitas vezes dita como um "mundo" à parte, passa a integrar o mundo "real" (não virtual), e é capaz de influenciar e moldar estilos de vida e formas de convivência. Ações podem ser realizadas (ou deixar de ser feitas) baseadas em previsões de possíveis repercussões no mundo on-line.

No caso das redes sociais, que são praticamente uma extensão da vida social "real", elas funcionam como uma plataforma de autoexposição, demandando serem alimentadas com informações privadas de seus usuários. Nessas redes, enquanto não alimentam o próprio perfil, os usuários usufruem da rede vigiando as publicações alheias, prontas para comentar, "reagir" e avaliar. Mas quando as pessoas não se manifestam, passam despercebidas, não se sabe quem está vigiando outro perfil, nem quando. Junto com a relevância das redes, cresce este ciclo de vigiados-vigilantes, que anseiam pela visibilidade enquanto se expõem e pela privacidade enquanto vigiam.

A vigilância passa a se legitimar em diversos domínios, deixando de ter seu sentido vinculado a contextos específicos de controle, inspeção ou conhecimento. No seio desse cenário, produz-se uma indiscernibilidade entre vigias e vigiados, que, no limite, transforma todos em vigilantes e/ ou suspeitos potenciais. (BRUNO, 2009, p. 10)

Nesse "panóptico" transparente e sem torre, a punição também é distribuída. É comum, quando ocorre algum "flagrante", um "ataque (ou linchamento) virtual". Seja milhares de pessoas se juntando para denunciar uma página ou postagem para o provedor da rede, criando uma enxurrada de mensagens ou mesmo protestando virtualmente, como o "vomitação" que ocorreu em maio de 2016, quando usuários promoveram uma campanha para comentar com emojis de vômito nas postagens do presidente Michel Temer (INTERNAUTAS, 2016). Porém, às vezes, essa punição pode gerar consequências mais drásticas. Com uma busca rápida em "linchamento, WhatsApp" aparecem dezenas de casos de inocentes linchados após boatos terem se espalhado na rede sobre pedófilos, sequestradores e até bruxaria.¹¹ Sendo assim, como diz Bruno (2009, p. 13): "É preciso, ainda, desconfiar do sonho da transparência bottom-up embutida na ideia do 'panóptico participativo' (CASCIO, Apud), cujo risco foi antevisto por William Burroughs: 'thanks for a nation of finks'" (apud BRUNO, 2009, p. 11).

¹¹ Por exemplo: Boatos de WhatsApp sobre traficantes de crianças deflagraram onda de linchamentos na Índia (BOATOS, 2018).

3 FATOS ALTERNATIVOS: *FAKE NEWS* NAS TELETELAS DO PARTIDO

As *fake news*, termo que ganhou uma enorme repercussão na mídia durante a campanha presidencial norte-americana de 2016, principalmente pelos discursos e tuítes do atual presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, se assemelham em diversos aspectos à propaganda do Partido, em 1984. E também faz lembrar o aparato estatal do universo de George Orwell, que permite um controle e a manipulação da realidade tanto do momento presente quanto do passado.

O principal acontecimento que fez com que diversos jornais relacionassem a eleição de Trump com o romance foi a "disputa" pelo tamanho do público na posse do presidente. Após o evento, o porta-voz Sean Spicer deu uma declaração, com dados incorretos, afirmando que "a cerimônia teve 'o maior público da História'". Quando a imprensa questionou os números, diversos membros da equipe de Trump se posicionaram a favor do presidente. Os mais emblemáticos foram o chefe de gabinete, Reince Priebus, que se referiu às reportagens como "ataques" e disse que iria lutar contra a mídia, e Kellyanne Conway, conselheira do presidente e chefe de campanha, que afirmou em uma entrevista: "Não seja tão dramático sobre isso, Chuck (Todd, o apresentador do programa). Você está dizendo que foi uma mentira. E Sean Spicer, nosso secretário de imprensa, deu fatos alternativos".¹²

3.1 OS PERSONAGENS: TRUMP E O'BRIEN

Donald J. Trump nasceu em 1946, em Nova York, nos Estados Unidos. Estudou na Academia Militar, e se formou em Economia na Universidade de Pensilvânia em 1968. Desde que começou o curso trabalhou no mercado imobiliário com o pai durante as férias e, depois de se formar, assumiu o controle da empresa da família.¹³ Em 1983, inaugurou a Trump Tower, um de seus empreendimentos mais conhecidos e representativos, onde estão a sede da Trump Organization e a casa da família. Já nos anos 1990, um dos seus maiores projetos faliu, o Taj Mahal Cassino Resort, aumentando a dívida da empresa, o que fez com que Trump tivesse que reerguer a companhia de uma crise financeira. Em meados dos anos 2000, ganhou o status de celebridade quando começou a apresentar o programa *The Apprentice*, e ficou conhecido pelas declarações polêmicas e pela frase de efeito "you're fired!" [você está demitido!] (FRAZÃO, 2017).

¹² Todas as citações do parágrafo são de (BATISTA, 2017).

¹³ "Donald Trump Biography.com".

Em 2015, Trump anunciou sua candidatura para a presidência dos Estados Unidos em um discurso no qual chamou mexicanos de "estupradores" [rapists] e inicialmente não teve a campanha levada a sério por jornalistas e especialistas em política (GAMBINO, 2016). Mas com o passar do tempo, Trump conseguiu conquistar um número cada vez maior de eleitores e venceu as primárias do partido republicano. Após diversos embates com a candidata do partido democrata e se envolver em inúmeras polêmicas, foi eleito presidente dos Estados Unidos por 306 contra 232 delegados de Hillary Clinton, em 2016, mesmo tendo perdido por mais de 1.3 milhões de votos na consulta popular.¹⁴

Desde o início de sua candidatura Donald Trump cresceu como uma figura controversa, fazendo afirmações genéricas como as promessas de criar um muro na fronteira com o México, banir temporariamente imigrantes muçulmanos, e também associar diversas vezes a religião muçulmana diretamente com o terrorismo, utilizando a expressão "terrorismo islâmico" (JOHNSON, 2016). Mas além das declarações que podem ser consideradas polêmicas, Trump entrou em confronto com a mídia tradicional pela divulgação do que ele chama de "*fake news*".

Durante toda a campanha, Trump acusou jornais e canais tradicionais da imprensa americana como o *New York Times*, CNN, NBC e ABC de produzirem *fake news*, geralmente após publicarem matérias negativas sobre ele. Em uma coletiva de imprensa, em fevereiro de 2017, Após ser questionado pelo repórter da CNN, Jim Acosta, sobre o que queria dizer quando afirmou que os vazamentos [de informações secretas] eram verdadeiros, mas que as notícias sobre eles eram falsas, ou seja, porque dizia que jornais, revistas e canais de televisão apresentam notícias falsas sobre fatos que ele mesmo admitia como verdadeiros Trump respondeu:

Então, eu sei quando devo ir bem e quando devo ir mal. E às vezes eu digo "wow, essa vai ser uma história incrível", e acabam comigo. Eu sei o que é bom e o que é ruim. Eu daria um bom repórter, não tão bom quanto você, mas eu sei o que é bom. Eu sei o que é ruim. E mudam isso, fazem o que deveria ser positivo muito ruim. Às vezes algo que deveria ser muito bom eles mostram como o.k, eles até mostram como algo negativo. (MUST WATCH, 2017)¹⁵

¹⁴ "US Election 2016".

¹⁵ Tradução livre da transcrição do seguinte trecho: "So, I know when I should get good and when I should get bad. And sometimes I say 'wow, that's gonna be a great story', and I get killed. I know what's good and bad. I'd be a good reporter, not as good as you, but I know what's good. I know what's bad. And When they change it, and make it really bad something that should be positive". Sometimes something that should be very positive and they'll make it ok, they'll even make it negative".

Trump dá a entender que considera *fake news* como sendo reportagens com viés diferente ou contrário do que ele pensa ser o correto. Uma apresentação dos fatos para a sociedade por uma perspectiva que não a dele, que presenciou o acontecimento, e que por isso seria a única verdade. É possível ver essa concepção de Trump também no Twitter; em seu perfil pessoal (@realDonaldTrump) ele deixa clara sua posição sobre diversos assuntos. Diversos tuítes do presidente acabam gerando controvérsias, e em inúmeras reportagens sobre ele há pelo menos um tuíte que serve de fonte e é reproduzido. Com as *fake news* não seria diferente. Em uma contagem rápida, do dia 30 de setembro até 3 de novembro de 2017, ou seja, um intervalo de 35 dias, há 22 ocorrências do termo "*fake news*" e 5 da hashtag "#FakeNews" postados por Trump.

Alguns de seus tuítes são: [4 out. 2017] "NBC é #FakeNews e ainda mais desonesta do que a CNN. Eles são a desgraça da boa reportagem. Não é surpresa que sua audiência está caindo!"; [12 out. 2017] "A *Fake News* está toda aí para rebaixar e denegrir! Tanto ódio!" e [17 out. 2017] "Tanta *Fake News* sendo publicada em revistas e jornais decadentes. Os piores talvez sejam @NBCNews, @CBSNews, @ABC e @CNN. Escritores de ficção!".¹⁶ Trump poderia se referir a canais de mídia como tendenciosos, que seguem uma ou outra ideologia, mas em vez disso se refere a eles como sendo ficcionais, na tentativa de retirar o crédito dessas organizações quanto à checagem da veracidade das informações que transmitem. Trump disse ainda, em uma entrevista, que criou o termo *fake news*.¹⁷ Segundo ele, o melhor de todos os termos que já criou é "*fake*": "eu acho que outras pessoas tem usado talvez há alguns anos, mas eu nunca notei" (FLOOD, 2017). O presidente também diz que está orgulhoso de ter convencido o povo de quão "*fake*" [a imprensa] é, e que apesar de tuitar "ser um fardo", ele ainda se vê no dever de informar a verdade para o povo americano (SCHWARTZ, 2017).

Ao contrário do que Trump diz, o dicionário Merriam-Webster afirma que a palavra está em uso na língua inglesa desde o final do século XIX, e apresenta diversos exemplos do uso do termo em jornais da época.¹⁸ Esse comportamento de dividir o mundo entre o que é "bom" e o que é "ruim" e de perceber a realidade como flexível faz lembrar a maneira cartesiana e "duplispensante" dos raciocínios de O'Brien, especialmente na cena da tortura

¹⁶ Reprodução dos tuítes originais em ANEXOS C, D e E.

¹⁷ Entrevista com Lou Dobbs, para o canal Fox Business, em FLOOD, 2017.

¹⁸ The Real Story of 'Fake News'.

final de Winston, antes, da sala 101. O'Brien classifica tudo o que não está de acordo com o Partido como falso e impossível, apesar de Winston demonstrar sua lógica, como no caso da fotografia que provava a inocência dos membros do Núcleo do Partido, que após serem considerados "despessoas", foram acusados de diversos crimes. Assim como Trump (mas nesse caso com seus próprios pensamentos e visão de mundo), que afirmou que sua posse teve o maior público da história, que "a multidão era enorme. Ia por todo o caminho até o Monumento a Washington",¹⁹ mesmo após diversos canais de televisão e jornais mostrarem que na verdade a multidão não foi tão grande assim, muito menos a maior da história (ANEXO F — visão aérea das posses de Obama e Trump).

O'Brien vê o mundo de acordo com o Partido, a verdade do Partido é a única, qualquer viés ou ideologia diferente é considerada falsa. De acordo com O'Brien, a realidade é moldada pela mente humana, portanto dominá-la é o último passo para o controle total do Partido, sem mais falhas no sistema como Winston.

Só a mente disciplinada enxerga a realidade, Winston. Você acha que a realidade é uma coisa objetiva, externa, algo que existe por conta própria. Também acredita que a natureza da realidade é autoevidente. [...] Mas eu lhe garanto, Winston, a realidade não é externa. A realidade existe na mente humana e em nenhum outro lugar (ORWELL, 2009, p. 292).

Em 558 dias como presidente, Trump disse publicamente ou tuitou falsidades 4.229 vezes, uma média de 7.6 mentiras por dia. Sendo que nos primeiros seis meses de 2018 ele praticamente dobrou o número total de proclamações falsas de seu primeiro ano como presidente, que foi de 2.140 (KESSLER; RIZZO; KELLY, 2018). Após afirmar na primeira coletiva de imprensa como presidente, diretamente para o repórter, que a CNN é *fake news* (TRUMP TO CNN, 2017), e repetir a acusação inúmeras vezes, o canal respondeu com uma propaganda de trinta segundos. Com a imagem de uma maçã o narrador diz: "essa é uma maçã. Algumas pessoas irão tentar dizer que isso é uma banana. Talvez eles gritem banana, banana, banana de novo, de novo e de novo. Talvez eles escrevam BANANA em caixa-alta. Talvez você comece a acreditar que isso seja uma banana. Mas não é. Isso é uma maçã" e termina com "Facts first" [Fatos primeiro] (MINDOCK, 2017). Essa constante batalha do presidente com a imprensa também lembra a tentativa de O'Brien de fazer Winston "entender" que dois mais dois também podem ser cinco.

¹⁹ CINCO mentiras que Donald Trump conta, s/d.

O'Brien levantou a mão esquerda e mostrou seu dorso para Winston, com o polegar escondido e os outros quatro dedos estendidos.
 "Quantos dedos tem aqui, Winston?"
 "Quatro."
 "E se o Partido disser que não são quatro, mas cinco — quantos dedos serão?"
 "Quatro."
 [...]
 "Quantos dedos, Winston?"
 "Quatro."
 [...]
 "Quantos dedos, Winston?"
 "Quatro! Pare! Pare! Como pode continuar com isso? Quatro! Quatro!"
 (ORWELL, 2009, p. 293).

3.2 *FAKE NEWS* NA PROPAGANDA DO PARTIDO

No século XIX, o barateamento da impressão permitiu uma grande expansão de alcance dos jornais. Já no século XX, o rádio e a televisão se tornaram os meios dominantes de transmissão de notícias (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 211). Por mais que uma revista ou jornal pudesse ser em teoria fundado por qualquer um, esses meios de divulgação exigiam a construção de uma reputação (através da checagem dos fatos e passagem pelo crivo editorial), o que atrairia consumidores do canal, e junto com eles os anunciantes, que cobririam o alto custo de manutenção e dariam o lucro do negócio. Este esquema tornaria mais difícil a divulgação de notícias deliberadamente falsas nesses meios. No começo dos anos 2000, com a evolução e expansão do acesso à internet, a divulgação de notícias deixou de ser monopólio da mídia tradicional, embora ela também tenha se apropriado desse meio, como uma extensão de seus canais originais. Se com o rádio e a televisão o medo era a redução drástica dos pontos de vista sobre o mundo, com a internet a preocupação era com pontos de vista demais, facilitando a formação, através da seleção de informação vistas por cada usuário, de “echo chambers” [câmaras de eco] (onde o usuário só encontraria respostas em apoio ou similares aos seus comentários) ou “filter bubbles” [bolhas de filtro] (uma bolha de isolamento onde, por meio de algoritmos, o usuário só receberia informações de acordo com seus próprios interesses), que poderiam isolar os usuários de perspectivas contrárias às suas (SUNSTEIN, 2001a, b, 2007; PARISER, 2011 apud ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 211).

A etimologia do termo, segundo o dicionário Merriam-Webster é clara: falsas [fake] notícias [news]. E apesar de Trump empregar o termo com outro sentido, ele ainda é usado pela mídia com este significado. Diferente de "boato", palavra que tem um equivalente em inglês (*hoax*), *fake news* é uma informação falsa disfarçada de notícia. Normalmente sensacionalista, de acordo o dicionário Collins, que a elegeu como palavra do ano de 2017

(FAKE, 2017). Já os estudiosos Hunt Allcott e Matthew Gentzkow (2017, p. 213) tem uma definição mais abstrata, considerando o mercado tradicional de mídia como um coletor e vendedor de sinais de um verdadeiro estado do mundo para consumidores que se beneficiam disso. E *fake news* como sinais distorcidos não relacionados com a verdade: reportagens que são intencional e verificadamente falsas e podem confundir os leitores. Na prática, as *fake news* são publicadas em sites que simulam a aparência de revistas ou jornais tradicionais online, com manchetes, fotos e textos que procuram imitar um estilo jornalístico e são amplamente divulgadas pelas redes sociais.

Allcott e Gentzkow (2017), em sua pesquisa sobre o papel das *fake news* na eleição presidencial de 2016 dos Estados Unidos, falam que os produtores de *fake news* têm duas características principais: não fazem nenhum investimento para confirmar as notícias e não tentam criar uma relação [com o consumidor] de longo prazo pela qualidade, mas sim tentam maximizar os lucros a curto prazo, atraindo cliques em um período inicial (p. 218-9).²⁰ O meio digital facilita a criação das *fake news*, tornando tão popular e relevante a ponto de criar a dúvida se teria influenciado ou não a eleição para o cargo mais alto do governo norte-americano. Principalmente por dois fatores: o primeiro é que os investimentos em marketing e produção de conteúdo nas redes sociais são quase zero (p. 221), e muitas vezes não requer o trabalho um profissional da área. Independente da qualidade, pode ser feito por qualquer um. O segundo é o formato das redes sociais, os pequenos trechos de informações visualizados em celulares ou páginas de notícias podem dificultar o julgamento sobre a veracidade de uma reportagem (p. 221). Além de que as amizades no Facebook seriam segregadas ideologicamente. "O estudo mostra que a média de 'amigos' com ideologia oposta é de 20% entre os liberais e 18% entre os conservadores americanos e que as pessoas são muito mais dispostas a ler e compartilhar reportagens alinhadas com suas próprias ideologias políticas" (THIRD et al., 2015 apud p. 221).

Pelas redes sociais os usuários têm acesso à notícias que muitas vezes não passaram por nenhum tipo de checagem, nem pelo crivo de um veículo especializado, e "um conteúdo produzido por um único usuário pode chegar a ter o mesmo alcance de leitores da *Fox News*, *CNN*, ou o *New York Times*" (p. 211). Allcott e Gentzkow afirmam que "62% dos adultos americanos têm acesso às notícias pelas redes sociais" (GOTTFRIED; SHEARER, 2016 apud p. 212), e que "as *fake news* mais populares no Facebook foram mais compartilhadas que as notícias mais populares da mídia tradicional" (SILVERMAN, 2016 apud p. 212). Mas apesar

²⁰ Todas as citações deste e do próximo parágrafo são de (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017).

de boa parte população obter informações nas redes sociais, e estar mais exposta às *fake news*, diversos canais de mídia também atuam no meio digital, além de grande parte dessas pessoas ocasionalmente ter acesso à televisão, rádio e a revistas e jornais. Já a população de 1984 não tem qualquer outro canal para comparação, nenhum canal de mídia que não seja do governo. Sua visão do "verdadeiro estado do mundo" é baseada inteiramente no que diz o Partido, pois apesar de "a realidade existir apenas na mente humana", ela é criada e ditada pelo Partido:

[Você] preferiu ser um lunático, uma minoria de um. [...] A realidade existe apenas na mente do Partido, que é coletiva e imortal. Tudo que o Partido reconhece como verdade é a verdade. É impossível ver a realidade se não for pelos olhos do Partido. É esse o fato que você precisa reaprender, Winston. (ORWELL, 2009, p. 292)

Porém enquanto o Partido não alcança esse estágio de forma plena, ele cria sua própria realidade através da propaganda e da constante revisão das próprias publicações. Tanto da propaganda da teletela, quanto das reportagens, livros e programas produzidos pelo Ministério da Verdade. Apesar de Winston saber que certos dados apresentados com tanto orgulho pela música patriótica são completamente infundados —

As projeções do Ministério da Pujança, por exemplo, indicavam que a produção trimestral de botas chegaria a cento e quarenta e cinco milhões de pares. A produção efetiva ficara em sessenta e dois milhões. Ao reescrever as estimativas, porém, Winston baixara o número para cinquenta e sete milhões de pares, para dessa forma abrir espaço para as costumeiras declarações de que a cota de produção fora superada. (ORWELL, 2009, p. 55)

e quando ouve que a ração semanal de chocolate aumentou para um número *menor* que os gramas da semana anterior (ORWELL, 2009, p. 75-6) — ele também sabe que não tem nenhuma ideia do número real, que talvez ninguém saiba, e que sua única alternativa é acreditar e viver nesse mundo criado pelo Partido ou confiar em sua memória, suas experiências e tê-las como única fonte de informação. Como Winston escolhe a última opção, cometendo um "pensamento-crime", O'Brien, em sua lição durante a tortura, explica como o Partido vê aqueles que fazem a "escolha errada":

Você é mentalmente desequilibrado. Tem problemas de memória. Não consegue se lembrar de acontecimentos reais e convence a si mesmo de que se recorda de coisas que nunca aconteceram. [...] Mesmo agora, como eu sei, você se agarra à sua doença porque a considera uma virtude. (ORWELL, 2009, p. 289)

Winston é considerado um doente, um louco por discordar da maioria, por sua realidade objetiva não se adaptar à realidade do governo. Para o Partido, ele insiste em viver em uma realidade alternativa, perigosa, e por isso proibida. Mas ao contrário da equipe de Trump, que tem cada pronunciamento conferido por inúmeros canais de mídia e sites de checagem, como o FactCheck.org, que tem uma seção dedicada exclusivamente ao presidente americano, o Partido é capaz de sustentar cada inverdade que diz:

"Há um slogan do Partido abordando o controle do passado", disse. "Repita-o, por favor."

"Quem controla o passado controla o futuro; quem controla o presente controla o passado", repetiu Winston, obediente.

[...]

"Até esse momento, você nunca havia se perguntado o que é que as pessoas entendem por existência. Vou formular a pergunta com mais precisão. Por acaso o passado existe concretamente no espaço? Há em alguma parte um lugar, um mundo de objetos sólidos, onde o passado ainda esteja acontecendo?"

"Não."

"Então onde o passado existe, se de fato existe?"

"Nos documentos. Está registrado."

"Nos documentos. E...?"

"Na mente. Na memória humana." (ORWELL, 2009, p. 291-2)

Com a capacidade de alterar qualquer registro já feito (inclusive sendo esse o trabalho de Winston no Ministério da Verdade), o Partido poderia desviar de qualquer possível acusação. E quando surge a pergunta "Mas como vocês podem impedir que as pessoas se lembrem das coisas?" O'Brien só tem a dizer que "Foi *você* que não a controlou [sua mente]. Por isso foi trazido para cá. Está aqui porque não teve humildade suficiente, não teve autodisciplina" (ORWELL, 2009, p. 292).

Mas enquanto em 1984 as *fake news* vêm de apenas uma fonte, no século XXI elas surgem de todo lugar. Allcott e Gentzkow (2017, p. 217) apresentam duas principais razões que motivam a criação de *fake news*. A primeira é a financeira: "reportagens que se tornam virais nas redes sociais podem atrair uma significativa remuneração de propagandas quando usuários clicam no site original". Segundo os autores, essa parece ser a principal motivação da maioria dos autores de *fake news*. A segunda seria ideológica, seja para beneficiar o candidato que o autor prefere, seja para demonstrar supostas falhas na ideologia da oposição. Porém comum a todos os consumidores de *fake news* é que o alinhamento político é um importante influenciador de crenças (ALLCOTT; GENTZKOW, 2017, p. 228):

[Enquanto] o romeno que gere o site endingthefed.com, por exemplo, diz ter criado o site principalmente para ajudar na campanha de Donald Trump (TOWNSEND, 2016). Outros provedores de *fake news* que beneficiariam a direita na verdade se identificam como alinhados à esquerda e queriam envergonhar os da direita, mostrando que eles acreditariam e espalhariam histórias falsas (DEWEY, 2016; SYDELL, 2016 apud ALLCOTT; GENTZKOW, p. 217).

Em 1984, Winston, mesmo lutando contra o Partido, não parece se dar conta de seu trabalho. Em sua subseção no Departamento de Documentação, ele trabalha na fabricação das mentiras do Partido. Apesar de acreditar que as estatísticas são completamente inventadas, Winston não se importa e até parece gostar de alterar registros mais complexos, que envolvem o sumiço de pessoas (ou a criação de novas): "Com um vago sentimento de satisfação, Winston pôs a quarta mensagem de lado. Tratava-se de um serviço complicado e de muita responsabilidade, e o mais recomendável era deixá-lo para o fim" (ORWELL, 2009, p. 52).

Na pesquisa "Trust in News" da Kantar, empresa "mundial em análise de dados, insights e consultoria" (KANTAR), sobre como o "fenômeno das *fake news* afetou a reputação as mídias sociais como fontes de informação" (BUENO, 2017) em quatro países (França, Brasil, Estados Unidos e Reino Unido), traz uma visão mais ampla e geral de como esse fenômeno repercutiu e está repercutindo sobre a mídia. A pesquisa afirma que entre novembro de 2016 e maio de 2017 o termo *fake news* foi utilizado mais de 14.600 vezes nos maiores sessenta grupos de imprensa nos quatro países pesquisados, e que deixou uma "marca permanente" na crença da população sobre as organizações e plataformas de mídia (TRUST, 2017, p. 31).

Embora a pesquisa tenha sido noticiada com um viés positivo para a mídia, de que as "*fake news*' reforçam confiança na imprensa" (BUENO, 2017), os resultados não são tão certos nesse quesito. Meios como *O Globo*, *a Folha de S.Paulo* e o *Jornal Nacional* afirmaram que "o resultado final para as mídias impressas é que mais de três quartos dos consumidores de notícias confiam nelas da mesma forma ou mais do que antes do fenômeno das *fake news*" (ONDA, 2017); "consumidores têm mostrado prestar muito mais atenção a anúncios que aparecem em veículos nos quais confiam, o que torna os meios de comunicação um contexto adequado para a publicidade" ('FAKE NEWS' ALTERAM, 2017); "73% disseram que o jornalismo de qualidade é fundamental para uma democracia saudável" (PESQUISA, 2017).

Porém, enquanto a pesquisa anuncia que "quase três quartos dos entrevistados" acreditam nesta última afirmação, ela deixa implícito que 27%, um número significativo, não

concorda a frase "Uma democracia saudável depende do jornalismo reportar os fatos precisamente"²¹ (TRUST, 2017, p. 16). Além de que o termo "jornalismo de qualidade", usado pelo *Jornal Nacional*, carrega implícito no senso comum o compromisso com a verdade e cobertura imparcial. A pesquisa diz ainda que "apenas 56% acredita que as notícias que veem são verdadeiras e não falsas 'na maior parte das vezes'"²² (TRUST, 2017, p. 4).

Mas talvez o mais relevante da pesquisa seria que entre os entrevistados não parece haver um consenso sobre o que é *fake news*: "58% acreditam que seria um história deliberadamente inventada pela mídia tradicional, 55% acreditam que seja uma história incorreta, possivelmente por engano, e 42% acreditam que seja uma história publicada por alguém fingindo ser uma organização de notícias" (TRUST, 2017, p. 5). Essa divergência sobre o papel da mídia na divulgação de *fake news* entre a culpada e a vítima, torna nebulosa a compreensão de como as organizações consolidadas de mídia se fortaleceram com o fenômeno. Porém, no geral, as consequências negativas parecem ter recaído mais sobre as redes sociais, onde os veículos de mídia também estão, mas aparentam ter saído (quase) ilesos na queda de confiança: 58% dos entrevistados disseram que vão confiar menos nas redes sociais. Enquanto isso 24% confiarão menos na mídia e 59% confiarão do mesmo modo (TRUST, 2017. p. 5).

²¹ Tradução livre de: "The health of our democracy depends on journalists reporting the facts accurately".

²² 56% concordaram com a frase: "Most of the time, I trust that the news I'm seeing is true and not fake news" [Na maior parte das vezes eu acredito que a notícia que estou vendo é verdadeira e não *fake news*].

4 O ÓDIO E A GUERRA INFINITA

Os Dois Minutos de Ódio, um dos principais rituais no livro de George Orwell, atuam como catalisadores de uma raiva constante que envolve toda a população da Oceânia para um ataque simultâneo aos inimigos do Partido, se assemelhando em diversos aspectos às manifestações de ódio em discussões em portais de notícias, que parecem levar a apenas mais divergência, e à atuação de *haters* nas redes sociais, em ataques quase que simultâneos e massivos, mas que ao contrário de impostos são produtos de vontades individuais.

São semelhantes também as noções de guerra e paz em *1984* e no momento atual. Em *1984* os termos são sinônimos, mas na segunda década do século XXI eles se confundem quando o assunto é alcançar e garantir a paz. Na medida em que governos de diversos países insistem há gerações no modelo proibicionista do "combate às drogas", tratando o assunto como questão segurança pública e instaurando uma guerra perpétua que se retroalimenta e que quanto mais combatida mais aumenta de escala, em nome da paz.

4.1 24H DE ÓDIO NA TELETELA INTERATIVA

Em *1984* os personagens se dedicam todos os dias aos Dois Minutos de Ódio, extravasando nele seus descontentamentos com o Estado e a ordem social instalada na Oceânia. O Estado, como organizador dos dois minutos, obviamente não pode deixar que esses sentimentos de falta de liberdade recaiam sobre si. Então o Partido utiliza os Dois Minutos como um momento de *catarse*²³, para liberar qualquer sentimento de revolta a contagias e de forma controlada.

Os Dois Minutos de Ódio são um ritual coletivo de transe e hipnose, como descreve Winston. E todo o Ódio é comandado pela teletela. A programação varia a cada dia, mas mantém uma estrutura básica: Goldstein, a figura mais odiada da Oceânia, a personificação de todo o mal, que está sempre tentando golpes, sabotagens e aliciar membros do Partido, aparece na teletela atacando o Grande Irmão. Ele "defendia a liberdade de expressão, a liberdade de imprensa, a liberdade de reunião, a liberdade de pensamento, gritava historicamente que a revolução fora traída" (ORWELL, 2009, p. 23). Essa imagem se alterna com imagens de soldados da Eurásia (ou da Lestásia, dependendo de com qual país a Oceânia estivesse em guerra no momento), sons e imagens de guerra. Durante a exibição do filme na

²³ Que o Dicionário Priberam define como: "*substantivo feminino*/ 1. [Filosofia] Palavra pela qual Aristóteles designa a "purificação" sentida pelos espectadores durante e após uma representação dramática./ 2. [Psicanálise] Método psicanalítico que consiste em trazer à consciência recordações recalçadas./ 3. [Psicanálise] Libertação de emoção ou sentimento que sofreu repressão. (CATARSE, s/d)

teletela a reação dos espectadores evolui muito rapidamente: "não fazia nem meio minuto que o Ódio havia começado e metade das pessoas presentes no salão já começara a emitir exclamações incontroláveis de fúria" (ORWELL, 2009, p. 23); "em seu segundo minuto, o Ódio virou desvairo. As pessoas pulavam em seus lugares, gritando com toda a força de seus pulmões" (ORWELL, 2009, p. 24); "nesse momento todo o grupo ali presente prorrompeu num canto grave, lento, ritmado, em que entoava 'G-I!... G-I!... G-I!...' ²⁴ [...] antes de mais nada era um ato de auto-hipnose" (ORWELL, 2009, p. 27).

Ainda segundo Winston, a raiva sentida era abstrata e podia ser direcionada a qualquer alvo. No início, o ódio de Winston estava direcionado para o Grande Irmão e ao Partido e se solidarizava com Goldstein: "o único guardião da verdade e da saúde mental num mundo de mentiras" (ORWELL, 2009, p. 25). Mas logo seu alvo acompanhava o as pessoas em volta e se voltava contra o inimigo número um do Partido, e o Grande Irmão se tornava um "protetor destemido".

A função dos Dois Minutos seria aglutinar toda a insatisfação popular acumulada e, como dito anteriormente, direcioná-la para um alvo específico. No caso para a própria encarnação do mal e reafirmar o papel do Partido e do Grande Irmão como salvadores e mantenedores da ordem.

Fora da ficção, outro lugar com a "função" de servir como descarregador de ódio seria a internet. Dessa vez não de forma oficial, mas sim com atos individuais, que facilmente podem se tomar massivos através de plataformas disponibilizadas e arquitetadas de forma a permitir e incentivar comentários e reações. Duas delas são os portais de notícias e as redes sociais. Pawel e Antoni Sobkowicz (2010) falam sobre a seção de comentários nos portais de notícias, reconhecidos no senso comum pelos comentários polêmicos. Em seu estudo eles analisam inúmeros comentários e afirmam que a comunicação se dá de forma muito diferente em comparação com as reações na vida social "real" ²⁵. Segundo eles, quando "opponentes" se encontram face a face há uma tendência de as suas diferenças e comportamentos agressivos serem abrandadas e até a entrarem em concordância, enquanto nos portais quando um usuário se depara com um comentário com ideias opostas, ou pelo menos diferentes, a tendência é de ambos se tornarem mais radicais em seus pontos de vista, inclusive quando há argumentos bem embasados, com números e links referentes a fatos que comprovariam uma determinada premissa. "Nem mesmo um simples acordo a um argumento do lado oposto. Virtualmente

²⁴ Em referência ao Grande Irmão.

²⁵ Em oposição à vida social virtual.

inexistente. Interações [entre usuários opostos] não parecem levar a convergência ou mudança de opinião" (SOBKOWICZ, 2010, p. 11). O estudo também observou que a maioria dos usuários já tinha opiniões bem definidas: "opponentes, em um estágio ou outro ficavam convencidos de que sr. X. era um herói, ou um vilão. O que significa que deve haver um mecanismo efetivo de formação de opiniões" (SOBKOWICZ, 2010, p. 11). Nesse caso, talvez ainda sem saber, os autores estão falando das bolhas de filtro e câmaras de eco, já citadas no capítulo dois deste trabalho. Essas duas características da internet, que cada vez mais oferece um conteúdo personalizado, podem estar colaborando na escalada do ódio on-line.

O próprio estudo fala de "lados", e a polarização de opiniões já foi largamente comentada no Brasil, com destaque para o segundo turno das eleições de 2014, entre Dilma Rousseff e Aécio Neves. Dilma representando a esquerda e a continuação do governo do PT (Partido dos Trabalhadores) e dos programas implementados por Lula; e Aécio representando a direita, uma mudança no governo e "uma política econômica 'mais austera'" (AÉCIO, 2014). As eleições de 2014 tiveram um grande impacto na forma de se discutir política no Brasil. Na época, a eleição brasileira ficou marcada como a mais conectada do mundo. Com quase três vezes mais interações no Facebook em época de campanha do que a dona do recorde anterior, a Índia, país que tinha 100 milhões de usuários da rede social, em contraste com 89 milhões no Brasil na época (BARIFOUSE, 2014). Desde então, a política tem sido tema constante em publicações, memes e discussões nas redes sociais. Porém, a tendência à polarização não diminuiu com o fim das eleições. Em 2014, diversas reportagens noticiaram sobre pessoas sendo bloqueadas ou "desfazendo amizades" nas redes sociais por causa de suas opiniões políticas, como um fenômeno.²⁶ Com os diversos acontecimentos importantes que marcaram o governo brasileiro desde então, como o golpe que derrubou Dilma e os desdobramentos da Operação Lava Jato, a polarização se manteve, mas com o tempo extrapolou dos candidatos à presidência e passou a se concentrar nas ideologias, dividindo a população entre antipetistas (ou "golpistas", ou "coxinhas"), de direita; e petistas (ou "petralhas", ou "mortadelas", dependendo do ponto de vista), de esquerda.

A polarização política e ideológica estão entre os principais assuntos de discussões on-line, porém temas como racismo, homofobia e misoginia também se fazem muito presentes. Nas redes sociais o ódio também é abstrato, normalmente circundando um tema e se

²⁶ Por exemplo: "Eleitores de Dilma e Aécio colecionam desentendimento com amigos na web" (MESQUITA, 2014); e "Eleição faz amigos de anos se bloquearem e romperem laços nas redes sociais" (ELEIÇÃO, 2014).

materializando em alvos específicos, como quando por exemplo um grupo²⁷ ou página que incentiva e infla o ódio a uma determinada posição política, e que de tempos em tempos direciona esse ódio a algum alvo específico para o "ataque", podendo este ser uma pessoa, ou um outra comunidade.

Quando "atacam", esses grupos são conhecidos como *haters* e se caracterizam pelo ataque aparentemente gratuito, violento e massivo. Sobre eles Rebeca Rebs (2017, p. 2516) diz:

O termo hater (da palavra "ódio" em inglês) tem a sua origem da expressão popular da internet "haters gonna hate". O sujeito que se enquadra neste grupo é conhecido popularmente como "o odiador", "aquele que odeia". Entretanto, mais do que isso, para ser um hater é preciso não apenas odiar algo ou alguém, mas também desenvolver ações violentas que se concretizam em ataques supostamente gratuitos a certas pessoas (que, na maior parte dos casos, não parecem ter feito mal nenhum ao odiador).

Os ataques mais conhecidos, que chegam a repercutir na mídia, geralmente ataques racistas e preconceituosos a famosos, podem chegar a ter de centenas de *haters* envolvidos.

Nascidos (ou reconhecidos) nestes ambientes virtuais, os haters podem formar organizações com estratégias minuciosas com o principal objetivo de disseminar a sua ideologia de ódio contra alguém ou mesmo contra grupos específicos. Na maior parte dos casos, estes sujeitos são considerados "fora-da-lei" e não parecem se importar com isso, pois ficam escondidos pelas máscaras dos *fakes*²⁸ (perfis falsos). O seu discurso é repleto de violência explícita por meio das palavras que parecem gerar o efeito esperado justamente pelo seu excesso. (REBS, 2017, p. 2513)

Sem nenhum objetivo a não ser o de disseminar o ódio, *haters* não têm uma agenda e os ataques acontecem aleatoriamente. Mas apesar de aleatórios, eles podem ser organizados por grupos e páginas de ódio e, quando vistos de fora desse meio, parecer espontâneos, levando pessoas não associadas, que já concordavam com o pensamento demonstrado, a se sentirem seguras pela magnitude do ataque e a se também comportarem como *haters*, aumentando ainda mais o alcance do movimento.

²⁷ O termo "grupo" utilizado aqui significa "grupo de Facebook", que a própria rede social define como: "um espaço para as pessoas conversarem sobre interesses em comum. É possível criar grupos para qualquer coisa, como reuniões de família, equipe esportiva com os colegas de trabalho, clube de livros, e personalizar as configurações de privacidade do grupo de acordo com quem você deseja que participe e veja o grupo" (GRUPOS, s/d).

²⁸ Grifo nosso.

Um exemplo desses grupos de ódio é o "QLC [sigla para Que Loucura Cara] The Return". Que foi apontado como o responsável por ataques racistas no perfis em redes sociais da atriz Taís Araújo e da jornalista Maju Coutinho. O site EGO publicou uma série de postagens que vazaram deste grupo que comprovariam a autoria dos ataques. Em um print é possível ver um perfil exigindo que os membros do grupo xinguem a atriz nos comentários de uma foto específica, senão seriam banidos. Um deles diz "Prepara os fakes que vamos zoar uma crioula [sic] famosa" (GOMES, 2015). Ainda de acordo com o EGO "a maioria dos perfis é criado por adolescentes entre 15 e 20 anos, de classe média" (GOMES, 2015). Em 2018, apesar das investigações da Polícia Federal após a denúncia de ambas as vítimas, o grupo ainda existe.

Faz parte da cultura de grupos de Facebook a criação de grupos reservas para migração caso ele chegue a um número excessivo de membros inativos (que não publiquem ou interajam), seja excluído pelo Facebook após denúncias por terceiros de violação das regras da plataforma (e isso inclui publicar discursos de ódio) ou caso o grupo seja invadido ou sofra algum tipo de investigação. Nestes casos o grupo é abandonado ou excluído e os membros ativos aderem ao novo grupo. Em grupos fechados só estão visíveis para não membros a descrição, o número de membros e a época de criação. Com uma busca rápida é possível encontrar diversos grupos com o mesmo nome, apenas com pequenas variações, porém com base no número de publicações nos últimos trinta dias é possível encontrar o que parece ser o grupo utilizado atualmente. Com quase seiscentos membros em apenas duas semanas de criação, o "QLC The Returns 2018 (ABERTA)" tem uma média de uma publicação por dia.

Na descrição do grupo estão as regras. Presentes em praticamente todos os grupos grandes, elas são normalmente seguidas à risca e determinam o que pode ou não ser publicado, bem como que tipos de interações serão aceitas. A descrição começa com ironia: "BEM-VINDOS JORNALISTAS, VITIMISTAS E POLÍCIA FEDERAL" para indicar saber da presença de não membros que procuram o grupo e sobre as investigações sobre crimes de ódio que levem a ele, e termina ironizando uma frase muito presente em grupos em geral, que proíbe conteúdos preconceituosos: "[regra] 11 - PROIBIDO RACISMO, HOMOFOBIA, XENOFOBIA. MAS SE QUISE, PODE" (GRUPO, 2018).

Rebeca Rebs também afirma que há quatro singularidades que caracterizam o ódio online. A "replicabilidade", ou seja, que "a informação é facilmente replicada, copiada e passada adiante. Logo, a capacidade de difusão de informação é enorme". Como em 1984 o ódio é presencial, não há essa replicação, porém ele acontece por toda a Oceânia ao mesmo horário,

todos os dias. E apesar de não ser necessariamente voluntário, para todos os efeitos, ele é; a "persistência", que é "a capacidade de permanência das informações publicadas [...] na internet", o que é impraticável na nação dominada pelo Partido, onde a memória coletiva é recriada a todo instante; a "buscabilidade", já que "as pessoas e as informações são facilmente 'acháveis'" e as "audiências invisíveis", pois "não sabemos exatamente quem está nos 'seguindo', nos 'escutando'". Estas últimas andariam juntas no livro de George Orwell, porque ao mesmo tempo em que os personagens não sabem *se* estão sendo vigiados pelo Partido (ao contrário do mundo virtual, onde a resposta para essa pergunta seria sempre "sim", e a dúvida seria de apenas "*quem* está vigiando"), eles têm certeza de qualquer informação e/ou pessoa pode ser obtida a qualquer momento pelo Grande Irmão.

4.2 A GUERRA DE PAZ

Depois de se encontrar com O'Brien, Winston recebe *o livro* de Goldstein, e lendo a "Teoria e prática do coletivismo oligárquico" percebe que "o livro o fascinava, ou, mais exatamente, tranquilizava-o. Em certo sentido não lhe dizia nada de novo, o que era parte do fascínio. Dizia o que ele teria dito, se tivesse a capacidade de organizar seus pensamentos dispersos" (ORWELL, 2009, p. 236). E dentre os trechos que Winston consegue ler antes de ser pego pela Polícia das Ideias está o capítulo três, que explica a primeira parte do slogan do Partido: "Guerra é Paz". No longo trecho, Goldstein explica a evolução da guerra entre as três potências que tomaram conta do globo e o porquê de o estado de guerra permanente ser tão necessário ao Partido. Ele permitiria o avanço tecnológico e um escoamento da produção industrial sem implicar em uma real melhora de vida da população, que permaneceria amedrontada e portanto dependente de seu salvador, o Grande Irmão, e em concordância com as restrições de liberdade impostas pelo Partido. Goldstein também fala sobre o que seria o verdadeiro significado do *slogan*, que não teria nada de contraditório:

A guerra se trava entre cada grupo dominante e seus próprios súditos, e o objetivo dela não é obter ou evitar conquistas de território, mas manter intacta a estrutura social. [...] O efeito seria o mesmo, em ampla medida, se os três superestados, em vez de lutar um contra o outro, concordassem em viver numa paz perpétua, cada um inviolado dentro das próprias fronteiras. Porque nesse caso cada um deles continuaria sendo um universo autossuficiente [...] Uma paz que fosse de fato permanente seria idêntica a uma guerra permanente. (ORWELL, 2009, p. 236)

Na lógica "duplipensante" do Partido a guerra realmente é paz. Goldstein fala ainda de como as guerras entre as superpotências seriam travadas: despropositadas, entre inimigos que

mesmo sabendo não ser possível se sobrepor ao outro mantém a guerra por uma ideologia que, uma vez instalada, como o estado de guerra contínua, infinita, seria muito difícil de ser revertida, com o verdadeiro foco no controle social:

É uma luta de objetivos limitados entre combatentes que não tem como destruir-se uns aos outros, carecem de causas concretas para lutar e não estão divididos por nenhuma diferença ideológica genuína. Isso não significa que a prática concreta da guerra ou a atitude predominante em relação a ela tenha se tornado menos sanguinária ou mais cavalheiresca. Ao contrário, a histeria guerreira é contínua e universal em todos os países, e atos como violações, saques, matança de crianças, redução de populações inteiras à escravidão e represálias contra prisioneiros [...] são considerados normais e, quando cometidos pelas tropas amigas, meritórios. (ORWELL, 2009, p. 221)

Fora da ficção podemos encontrar uma guerra perpétua em nossa realidade: a guerra às drogas. No começo do século XX, em meio a crescente industrialização dos países desenvolvidos e às preocupações governamentais de controle da população, ela se originou de tratados sobre a regulamentação da fabricação e venda de substâncias, como a Conferência de Haia, de 1912, que definiu que todo "uso não medicinal [de drogas] é patológico em si" (MCALLISTER, 2000, p. 17 apud RODRIGUES, 2012, p. 10). Segundo Rodrigues (2012, p. 10), a divisão entre o uso médico e recreativo foi a principal discussão na época, especialmente com diversos governos lidando com problemas com ópio e morfina. O que, juntamente com a associação do uso de certas substâncias de forma recreativa com grupos étnicos de minoria alimentaram a aversão da opinião pública a elas e a visão de que seriam um problema de ordem pública. Como diz Rodrigues (2012, p. 11-2):

Desse modo, o proibicionismo – com sua combinação entre moralismo e repressão seletiva a certos grupos sociais – emergiu como uma das táticas de controle social que, na passagem do século XIX para o XX, investiram na segurança das sociedades pela articulação de políticas punitivas e de intervenção sobre a vida e que procediam, por sua vez, de práticas de governo das populações que despontaram um século antes e foram chamadas por Michel Foucault (2003) de biopolíticas. [...] Para manter a potência e força do Estado, da ordem social e do sistema capitalista, não bastava mais subjugar corpos e basear o exercício do poder no arbítrio do soberano sobre a vida e a morte dos súditos. Seria preciso, ao contrário, encontrar o delicado equilíbrio, o cálculo fino, entre aumentar a saúde e vigor físico de cada um sem que isso impulsionasse contestações à ordem.

A guerra às drogas, assim como a Guerra em 1984, se utiliza da Biopolítica na medida em que ela seria "um conjunto de práticas para o governo da vida das populações, compreendidas como tendo lógica e dinâmica próprias [...] que demandariam investimentos e

táticas de controle específicos" (RODRIGUES, 2012, p. 12). Tanto governos como o Partido promoveriam a guerra para teoricamente para manter a ordem na nação em questão, ao mesmo tempo em que se utilizam da guerra como justificativa para privar seus cidadãos de certos direitos. Em 1984, direitos de qualquer tipo de liberdade, seja de expressão, seja de ir e vir são subtraídos da população, e outros direitos básicos como sistema de saúde adequada (que não aparece em momento algum no livro apesar de Winston, o protagonista, ter uma úlcera varicosa. Descrita como se fosse parte da personalidade do personagem, uma característica fixa: "o apartamento ficava no sétimo andar e Winston, com seus 39trinta e nove anos e sua úlcera varicosa acima do tornozelo direito, subiu devagar" (ORWELL, 2009, p. 12), educação, moradia ("será que sempre houvera aquele cenário de casas do século XIX caindo aos pedaços, paredes laterais escoradas com vigas de madeira, janelas remendadas com papelão, telhados reforçados com chapas de ferro corrugado" (ORWELL, 2009, p. 14) e outros não são supridos porque há sempre o estado de guerra; a segurança, demonstrada em combates, armas e bombas é mais urgente que todo o resto. Apesar da guerra travada pela Oceânia estar sendo combatida bem longe da cidade de Winston, seus reflexos são sempre presentes, com "bombas-lembrete" do conflito de tempos em tempos.

Desse mesmo modo, os governos se utilizam de técnicas de biopolítica, implantando a guerra às drogas para um controle da ordem social, utilizando as regiões mais pobres como campo de batalha. Tem destaque nessa guerra diversos países da América Latina como o México, a Colômbia, a Bolívia e o Brasil e, dentro do país, mais especificamente, o Rio de Janeiro:

O controle de drogas, pautado pelo proibicionismo, poderia ser considerado uma potente tática biopolítica, pois, sincronicamente, permitiu a intervenção sobre hábitos individuais (uso de drogas para fins recreativos ou medicinais) – sob a justificativa de melhorar a vida individual e coletiva – e abriu espaço para a perseguição e apresamento de grandes contingentes de indivíduos tidos como perigosos à ordem social e que pertenciam, precisamente, às camadas mais pobres e numerosas dos centros urbanos que tanto preocupavam e mobilizavam – desde finais do século XVIII na Europa e a partir do final do século XIX nas Américas – as classes governantes. (RODRIGUES, 2012, p. 13)

O movimento de guerra às drogas como é conhecido hoje começou e foi expandido ostensivamente pelos Estados Unidos. Uma primeira experiência com o modelo de proibição total aconteceu com o álcool, com a Lei Seca, de 1919 (revogada em 1933), que proibiu completamente a produção e venda de bebidas alcoólicas no país. Mesmo sem resultados

positivos, e levando ao surgimento de máfias especializadas no tráfico de bebidas, o modelo proibicionista foi exportado para a contenção do uso de drogas psicoativas. Na década de 1970, Richard Nixon, então presidente dos Estados Unidos, implementou a "diplomacia das drogas", apoiando a militarização e punição severa dos governos latino-americanos contra produtores, traficantes e usuários de drogas. Sua campanha "war on drugs", expandiu o modelo proibicionista no mundo inteiro, mas tendo um impacto especial na América Latina.

Em seu livro *O dono do morro*, Misha Glenny (2016) faz um grande estudo sobre a o tráfico de drogas e suas consequências no Brasil, em especial seus desdobramentos no Rio de Janeiro. No livro, ele diz:

Em 1982, antes que o comércio ilegal de cocaína mudasse o cenário econômico e social da cidade, o índice de assassinatos no Rio de Janeiro era igual ao de Nova York: 23 homicídios por 100 mil habitantes. Sete anos depois, em 1989, os números de Nova York mostravam uma diminuição lenta e constante. No Rio, quase triplicaram, indo para 63 por 100 mil. [...] O declínio do Rio, iniciado no final dos anos 1980, decorreu sobretudo de uma política que havia falhado por décadas a fio: a guerra às drogas. [...] No Brasil, tais circunstâncias desencadearam conflitos urbanos complexos que, nos anos 1990, afetaram o Rio, sobretudo a Rocinha e muitas outras favelas, mais do que qualquer outra cidade no país. Em termos do total de mortes registradas, foi um conflito de pequeno porte. Mas, nas favelas, os índices de homicídio eram comparáveis aos de países em guerra. [...] No começo, o conflito se dava entre traficantes e policiais. Então aconteceu algo singular no Rio que não ocorreu em nenhum outro lugar do Brasil: desencadeou-se uma guerra implacável entre os próprios traficantes. [...] Na década seguinte [nos anos 2000], tiroteios, torturas e excessos se tornaram muito mais frequentes nas favelas. (GLENNY, Misha, 2016, p. 89-92)

No Rio de Janeiro, o narcotráfico se apropriou da geografia única da cidade, em que as áreas mais pobres, as favelas, estão nos morros (locais conhecidos pela vantagem militar e pela visão privilegiada do terreno), muito próximas das áreas de classe média, o "asfalto", fazendo com que a "separação de território" seja sempre bem definida, mantendo as áreas segregadas por motivos econômicos e de discriminação social. Com as noções dos territórios muito bem delimitados, a guerra às drogas adquiriu características reais de guerra na cidade do Rio, com três facções principais (como em 1984): o Comando Vermelho (CV), o Terceiro Comando Puro (TCP) e a Amigos dos Amigos (ADA) disputando cada favela, com invasões esporádicas às favelas inimigas e todo um sistema de suporte aos membros da facção. O próprio Glenny (2016, p. 114) comenta sobre a semelhança da situação do Rio com o romance de Orwell: "Enquanto vários participantes descreviam a guerra entre esses grupos,

lembrei-me de *1984*, de George Orwell, em que as três potências geopolíticas, Oceania [sic], Eurásia e Lestásia, vivem num estado de 'guerra perpétua' num sistema rotativo de alianças".

Em 2008, teve início a política das UPPs (Unidade de Polícia Pacificadora), comandada pelo então secretário de segurança do Estado do Rio de Janeiro, José Mariano Beltrame. "Com a instalação de postos permanentes da polícia militar, orientados por critérios de policiamento comunitário, de modo a permitir a entrada de serviços públicos e privados nessas comunidades e a expulsão dos traficantes. Projeto caracterizado por discurso 'militar' – lidando com expressões como conquista territorial, ocupação estratégica, pacificação" (RODRIGUES, 2012, p. 32). Mas as UPPs só ganharam destaque nacional e internacionalmente com a invasão do Complexo do Alemão, em 2010. O Complexo, com cerca de doze favelas, estava sendo utilizado como refúgio e quartel-general de traficantes expulsos das favelas que já haviam sido ocupadas pela polícia militar.²⁹ A ocupação do complexo utilizou uma tática inovadora no Brasil: pela primeira vez desde a ditadura militar o exército seria utilizado para fins de segurança interna. Com o MOUT (*military operations on urbanised terrain* [operações militares em área urbana]), como era chamado pelo Pentágono, a polícia militar do Estado do Rio de Janeiro e o Exército Brasileiro entraram no Complexo com helicópteros blindados³⁰, blindados da Marinha e 600 homens (OCUPAÇÃO, 2013)³¹. Com intensa cobertura da mídia, a transmissão ao vivo do conflito chegou a render um Emmy internacional ao *Jornal Nacional* e "o medo e a impressão de se estar voltando à violência dos anos 1990 se intensificaram com a retórica militar candente usada pela polícia e pelos meios de comunicação. A manchete de primeira página de *O Globo* de 26 de novembro [de 2010] dizia: 'O dia D da guerra ao tráfico'" (GLENNY, 2016, p. 273).

Sobre a guerra declarada, que se retroalimenta e se mantém perpétua, Rodrigues (2012, p. 33) ainda diz:

A análise da “guerra às drogas” e do narcotráfico como temas de segurança global coloca-os no campo de estudo dos “novos conflitos internacionais” ou das “novas ameaças” (KALDOR, 2006; KAN, 2009) ou, mais precisamente, daquilo que Frédéric Gros (2009) chamou de “estados de violência”: conflitos

²⁹ (GLENNY, 2016, p. 271)

³⁰ (GLENNY, 2016, p. 271)

³¹ A matéria, disponível na seção "Acervo" do jornal *O Globo*, descreve a ocupação como uma operação de guerra bem sucedida, com expressões militares como: "A fortaleza do narcotráfico no Complexo do Alemão revelou-se de papel, suscetível a uma operação que combinasse tropa treinada e surpresa tática"; "Ao contrário do que se esperava, a considerar situações semelhantes vividas no passado, a polícia não se limitou a combater os focos de terror no asfalto. A tropa, que tinha o Bope à frente, foi para o confronto, tomando de assalto o campo do inimigo"; "Enquanto combatia no front, nas ruas a situação ainda era de medo".

continuados ou descontinuados, de irrupção surpreendente e muitas vezes efêmeros, conduzidos por grupos privados transterritoriais (terroristas, narcotraficantes, traficantes de pessoas, armas etc.) que mobilizam a repressão de forças estatais (militares, polícias, coalizões) e que abalam a espacialidade clássica das guerras, sua temporalidade definida, sua distinção entre combatentes e não combatentes e sua regulamentação tradicional (com tratados e tribunais ad hoc ou o permanente Tribunal Penal Internacional).

Assim, a “questão das drogas”, que nos primeiros anos do século XX sequer existia como um “problema” social ou de saúde pública, em pouco mais de duas décadas se transformou em uma “ameaça às sociedades civilizadas”. Em nome do combate a essa “ameaça”, declarou-se uma guerra que, por sua vez, passou a retroalimentar esse suposto “perigo”. (RODRIGUES, 2012, p. 14)

Ou seja, na lógica "duplipensante" dos governos que aplicam o modelo proibicionista e a militarização na guerra às drogas: mais guerra significa mais paz.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O livro de George Orwell foi escrito em 1949, "prevendo" um futuro próximo, apenas 35 anos mais tarde. Em 1984 esse futuro ainda não tinha chegado, mas hoje ele parece cada vez mais próximo. A segunda década do século XXI reúne diversos fatores que se aproximam da ditadura do Grande Irmão. A vigilância, as *fake news*, o ódio e a guerra são algumas das características essenciais para a manutenção do sistema implantado pelo Partido na Oceânia. E, apesar de não serem utilizados para sustentar os alicerces de uma ditadura totalitária como no romance, estão sim presentes nas estruturas do mundo ocidental desta década e chamam a atenção pela grande semelhança com o livro de Orwell.

A guerra em *1984* é literalmente eterna, sem ter um inimigo derrotável e um objetivo pelo qual lutar. O estado de guerra mantém a ordem instaurada e organizada pelo Partido, permite a sobrevivência econômica da nação e garante uma justificativa para qualquer ato arbitrário que o governo queira tomar. Não que o Partido precise se justificar de alguma forma, mas se encaixa perfeitamente em diversas diretrizes de comportamento e estado mental que sustentam o sistema, como a catarse dos Dois Minutos de Ódio, o assassinato aleatório e negligente dos proletas e a falta de suprimentos básicos e o estado de vida precário tanto dos proletas como dos membros do Partido.

Assim como em *1984*, a guerra às drogas permite a manutenção de um sistema que militariza os países pobres e em desenvolvimento (que enfrentam graves crises de segurança pública). Que por sua vez direcionam essa militarização para as áreas pobres, sustentando uma guerra que se retroalimenta e perpetua o sistema, em que a população pobre (tanto moradores de favelas quanto os próprios policiais) sofre com o assassinato aleatório e negligente nas intervenções da polícia militar — e mais recentemente do Exército na cidade do Rio de Janeiro; e sofre com um estilo de vida precário, enfrentando a falta crônica de direitos básicos.

Na questão da vigilância, é possível observar que um dos objetivos do Partido é instalar um sistema de vigilância distribuída, educando as crianças como pequenos espiões, muito melhor infiltrados que os agentes da Polícia das Ideias. Crianças que logo se tornarão adultos já completamente doutrinados, ampliando o sistema de delações do Partido para um nível muito mais alto do que o demonstrado na época de Winston, onde as "despessoas", ou seja, os desaparecidos que todos sabiam estar dentro do Ministério do Amor, já não eram nada incomuns. No século XXI, a vigilância distribuída não obedece a nenhum sistema de governo, e tão pouco foi implantado por um. Com o surgimento da internet e com o acesso a ela sendo cada vez mais democrático, a vigilância é feita de acordo com o preceito de cada época e

grupo. Cada indivíduo busca constantemente falhas no comportamento do outro, comportamentos que não sigam o que é tido como moralmente correto, não só em interações do dia a dia, mas também em ações passadas que permanecem registradas em rede (e que quando apagadas se encontram em cópia com algum usuário, que geralmente logo a devolve à rede como retaliação). Esses grupos não são organizados, mas podem se mobilizar em favor de uma causa. Não há membros ou líderes, apenas influenciadores e seu seguidores. Eles são indivíduos que se agrupam, se interpelam, se juntam e divergem de acordo com as condições do momento. As regras podem mudar muito rapidamente: o que é certo, o que é considerado uma frase banal em um determinado momento pode se tornar uma grande ofensa em questão de horas. E quando essa falha é encontrada acontecem os "linchamentos virtuais", com enxurradas de comentários negativos nas redes do indivíduo que falhou. E não raro o ataque também atinge o mundo "real", com exposição de dados pessoais (como números de documentos, telefone, e-mail, locais frequentados etc) e ameaças à integridade física da pessoa. A internet é uma plataforma para a exposição das opiniões e pensamentos de qualquer um que queira manifestá-los, porém a vigilância de tudo por todos acaba por tornar seus usuários seus próprios carcereiros, controlando cada interação de acordo com a norma informal vigente.

Em 1984, todos são forçados a viver dentro da realidade do Partido. O indivíduo que questionar qualquer informação ou decisão do Partido, que deixar de seguir os protocolos informais e agir como se "deve", desaparece. Como é possível observar com a história de Winston, as "despessoas" vão diretamente para o Ministério do Amor, onde são curadas de sua "insanidade". Seguir a realidade imposta seria uma questão de sobrevivência, quanto mais uma pessoa aceitar as "verdades", se deixar se alienar e viver a realidade do Partido mais forte e protegida ela se torna dentro da sociedade. Não por acaso os membros do Núcleo do Partido (teoricamente os mais engajados) são escolhidos durante a adolescência, o posto não é hereditário.

Nos últimos anos, as *fake news* tem ganhado destaque, especialmente quando o assunto é eleição. Pelo menos desde 2016, mais da metade dos adultos americanos já utilizava a internet como principal meio de informação, e diversas *fake news* se tornaram mais populares que notícias da mídia tradicional. Esses fatores ainda se unem às "bolhas de filtro" e "câmaras de eco", que deixam o indivíduo "preso" a somente seu próprio ponto de vista. O que evidencia a vulnerabilidade da população em ter sua visão de mundo baseada em "realidades inventadas". Neste contexto, o presidente norte-americano, Donald Trump, líder de um dos países mais poderosos do mundo, é reconhecidamente um inventor de fatos. Ele

diz publicamente uma média mais de sete inverdades por dia desde que assumiu o cargo e rebate às notícias desfavoráveis a ele como sendo falsas, mesmo que as críticas sejam baseadas em dados comprovados e de veículos de mídia renomados. Mas este comportamento, que Trump tem desde quando era pré-candidato e atípico em líderes de tamanha importância foi um dos fatores decisivos para sua vitória nas eleições de 2016.

Enfim, as características comparadas demonstram o quão perto George Orwell chegou de imaginar um futuro tenebroso, porém ainda possível. Escrevendo no início de uma definição do que viria a ser a nova ordem mundial, que ficaria conhecida como Guerra Fria (expressão aliás, cunhada por Orwell) (Orwell, 2007, p. 121), em que a polarização entre Estados Unidos, a União Soviética e os países não alinhados remete às três nações do romance, as condições que dariam a proximidade com o livro não surgiram com intensidade até cerca de trinta anos depois de 1984, especialmente pelo avanço da tecnologia e da democratização dos eletrônicos e da internet. Onde os próprios conceitos de liberdade e escravidão, guerra e paz e ignorância e força parecem se confundir.

REFERÊNCIAS

AÉCIO diz que se eleito levará inflação para centro da meta em 2 ou 3 anos. **G1**, 16 jun. 2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/politica/eleicoes/2014/noticia/2014/06/aecio-diz-que-se-eleito-nao-fara-ajuste-fiscal-em-2015-mas-em-2-ou-3-anos.html>>. Acesso em: 7 maio 2018.

"CATARSE", em **Dicionário Priberam da Língua Portuguesa**, s/d. Disponível em: <<https://www.priberam.pt/dlpo/catarse>>. Acesso em: em 16 ago. 2018.

ELEIÇÃO faz amigos de anos se bloquearem e romperem laços nas redes sociais. **O Dia**, 12 out. 2014. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/_conteudo/eleicoes2014/2014-10-12/eleicao-faz-amigos-de-anos-se-bloquearem-e-romperem-lacos-nas-redes-sociais.html>. Acesso em: 7 maio 2018.

OCUPAÇÃO do Alemão, em 2010, contou com 600 homens e blindados da Marinha. **O Globo**, 11 jul. 2013. Disponível em: <<https://acervo.oglobo.globo.com/em-destaque/ocupacao-do-alemao-em-2010-contou-com-600-homens-blindados-da-marinha-9001633>>. Acesso em: em 10 set. 2018.

ALLCOTT, Hunt; GENTZKOW, Matthew. Social Media and Fake News in the 2016 Election. **Journal of Economic Perspectives**, v. 31, n. 2, primavera 2017, pp. 211-36. Disponível em: <<https://doi.org/10.1257/jep.31.2.211>>. Acesso em: 31 out. 2017.

ANDROID ultrapassa marca de 2 bilhões de usuários ativos por mês. **O Dia**, 17 maio 2017. Disponível em: <<http://odia.ig.com.br/mundoeciencia/2017-05-17/android-ultrapassa-marca-de-2-bilhoes-de-usuarios-ativos-por-mes.html>>. Acesso em: 10 out. 2017.

BARIFOUSE, Rafael. Eleições 2014: Novos hábitos criam pleito mais conectado do mundo. **BBC Brasil**, 29 out. 2014. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2014/10/141028_eleicoes2014_internet_rb>. Acesso em: 7 maio 2018.

BATISTA, Henrique Gomes. Governo Trump é criticado por divulgar mentiras e parte para ataque contra a imprensa. **O Globo**, 2 jan. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/governo-trump-criticado-por-divulgar-mentiras-parte-para-ataque-contra-imprensa-20811094>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

BOATOS de WhatsApp sobre traficantes de crianças deflagram onda de linchamentos na Índia. **G1**, 27 jun. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/boatos-de-whatsapp-sobre-trafficantes-de-criancas-deflagram-onda-de-linchamentos-na-india.ghtml>>. Acesso em: 17 out. 2018.

BRUNO, Fernanda. Mapas de crime: Vigilância distribuída e participação na cibercultura. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação: E-compós**. Brasília, v. 12, n. 2, maio/ago. 2009.

BUENO, Sonia. Trust in News: 'Fake news' reforçam confiança na imprensa. **Kantar Brasil Insights**, 31 out. 2017. Disponível em:

<<https://br.kantar.com/tecnologia/comportamento/2017/trust-in-news-confianca-nas-noticias-estudo-kantar/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

CHINA altera constituição e Xi Jinping pode ficar na presidência por tempo ilimitado. **G1**, 11 mar. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/parlamento-chines-altera-constituicao-e-xi-jinping-pode-ficar-na-presidencia-por-tempo-ilimitado.ghtml>>. Acesso em: 10 out. 2018.

CINCO mentiras que Donald Trump conta. **O Globo**, s/d. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/mundo/cinco-mentiras-que-donald-trump-conta-20816587>>. Acesso em: 28 nov. 2017.

DA CAPITAL moderna ao interior atrasado, conheça a vida na Coreia do Norte. **G1**, 23 set. 2018. Disponível em: <<https://g1.globo.com/fantastico/noticia/2018/09/23/da-capital-moderna-ao-interior-atrasado-conheca-a-vida-na-coreia-do-norte.ghtml>>. Acesso em: 16 out. 2018.

DONALD Trump Biography.com. **The Biography.com website**, s/d. Disponível em: <<https://www.biography.com/people/donald-trump-9511238>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

EDWARD Snowden: A Timeline. **BBC**, 26 maio 2014. Disponível em: <<https://www.nbcnews.com/feature/edward-snowden-interview/edward-snowden-timeline-n114871>>. Acesso em: 18 out. 2017.

'FAKE NEWS' ALTERAM hábitos do público, indica pesquisa. **Folha de S.Paulo**, 31 out. 2017. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1931635-fake-news-alteram-habitos-do-publico-indica-pesquisa.shtml>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

'FAKE News' é eleita palavra do ano e vai ganhar menção em dicionário britânico. **O Globo**, 2 nov. 2017. Disponível em: <<https://g1.globo.com/educacao/noticia/fake-news-e-eleita-palavra-do-ano-e-vai-ganhar-mencao-em-dicionario-britanico.ghtml>>. Acesso em: 9 nov. 2017.

FLOOD, Alison. Fake News Is 'Very Real' Word of the Year for 2017. **The Guardian**, 2 nov. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/nov/02/fake-news-is-very-real-word-of-the-year-for-201>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. **Vigiar e punir: Nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FRAZÃO, Dilva. Donald Trump: Empresário norte-americano. **E-biografia**, 20 jan. 2017. Disponível em: <https://www.ebiografia.com/donald_trump/>. Acesso em: 3 nov. 2017.

GAMBINO, Lauren; PANKHANIA, Madhvi. How We Got Here: A Complete Timeline of 2016's Historic US Election. **The Guardian**, 8 nov. 2016. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/us-news/2016/nov/07/us-election-2016-complete-timeline-clinton-trump-president>>. Acesso em: 4 nov. 2017.

GIDDA, Mirren. Edward Snowden and the NSA Files – Timeline. **The Guardian**, 21 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jun/23/edward-snowden-nsa-files-timeline>>. Acesso em: 18 out. 2017.

GLENNY, Misha. **O Dono do morro: Um homem e a batalha pelo Rio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GOMES, Laís. Grupo que teria atacado Taís Araújo na web seria o mesmo do caso Maju. **EGO**, 5 nov. 2015. Disponível em: <<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2015/11/grupo-que-teria-atacado-tais-araujo-na-web-seria-o-mesmo-do-caso-maju.html>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

GREENBERG, Andy. An NSA Coworker Remembers the Real Edward Snowden: 'A Genius Among Geniuses'. **Forbes**, 16 dez. 2013. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/andygreenberg/2013/12/16/an-nsa-coworker-remembers-the-real-edward-snowden-a-genius-among-geniuses/#2dc68dda784e>>. Acesso em: 19 set. 2017.

GREENWALD, Glenn; MACASKILL, Ewen; JULIAN, Borger. The National Security Agency: Surveillance Giant with Eyes on America. **The Guardian**, 6 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jun/06/national-security-agency-surveillance>>. Acesso em: 26 set. 2017.

GREENWALD, Glenn; MACASKILL, Ewen; POITRAS, Laura. Edward Snowden: The Whistleblower Behind the NSA Surveillance Revelations. **The Guardian**, 11 jun. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/2013/jun/09/edward-snowden-nsa-whistleblower-surveillance>>. Acesso em: 26 set. 2017.

GRUPO de Facebook: "QLC The Returns 2018 (ABERTA)". Disponível em: <<https://www.facebook.com/groups/QLCHEIL/>>. Acesso em: 09 ago. 2018.

GRUPOS. **Central de ajuda do Facebook**, s/d. Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/help/1629740080681586/?helpref=hc_fnav>. Acesso em: 17 out. 2018.

HOSENBALL, Mark. Snowden Downloaded NSA Secrets Working for Dell, Sources Say. **Reuters**, 15 ago. 2013. Disponível em: <<https://www.reuters.com/article/us-usa-security-snowden-dell/snowden-downloaded-nsa-secrets-while-working-for-dell-sources-say-idUSBRE97E17P20130815>>. Acesso em: 19 set. 2017.

INTERNAUTAS fazem 'vomitação' contra Temer e PMDB nas redes sociais. **Folha de S.Paulo**, 11 maio 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/05/1770191-internautas-fazem-vomitaco-contra-temer-e-pmdb-nas-redes-sociais.shtml>>. Acesso em: 14 out. 2017.

JOHNSON, Jenna. Here Are 76 of Donald Trump's Many Campaign Promises. **The Washington Post**, 22 jan. 2016. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/post-politics/wp/2016/01/22/here-are-76-of-donald-trumps-many-campaign-promises/?utm_term=.eb01184f6b0b>. Acesso em: 4 nov. 2017.

KANTAR Brasil Insights concentra dados e insights de pesquisas realizadas pelas marcas do grupo. **Kantar Brasil Insights**. Disponível em: <<https://br.kantar.com/sobre/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

KESSLER, Glenn; RIZZO, Salvador; KELLY, Meg. President Trump Has Made 4,229 False or Misleading Claims in 558 Days. **The Washington Post**, 1º ago. 2018. Disponível em: <https://www.washingtonpost.com/news/fact-checker/wp/2018/08/01/president-trump-has-made-4229-false-or-misleading-claims-in-558-days/?utm_term=.e2ec3efc3a9a>. Acesso em: 8 ago. 2018.

MACASKILL, Ewen; DANCE, Gabriel. NSA Files: Decoded — What the Revelations Mean to You. Produzido por: CAGE, Feilding; CHEN, Greg. **The Guardian**, 1 nov. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/world/interactive/2013/nov/01/snowden-nsa-files-surveillance-revelations-decoded#section/4>>. Acesso em: 13 out. 2017.

MESQUITA, Ligia. Eleitores de Dilma e Aécio colecionam desentendimento com amigos na web. **Folha de S.Paulo**, 17 out. 2014. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/10/1533839-eleitores-de-dilma-e-aecio-colecionam-desentendimentos-com-amigos-na-web.shtml>>. Acesso em: 7 maio 2018.

MINDOCK, Clark. CNN Hits Back at Trump's 'Fake News Attacks by Explaining What an Apple Is: 'Some May Tell You It's a Banana'. **Independent**, 23 out. 2017. Disponível em: <<http://www.independent.co.uk/news/world/americas/us-politics/cnn-trump-fake-news-apple-advert-video-a8015616.html>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

MURPHY, Doyle. Edward Snowden Says NSA Spying Worse than Orwell's '1984' in His 'Alternative Christmas Message', **Daily News**, 25 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.nydailynews.com/news/world/edward-snowden-nsa-spying-worse-orwell-nineteen-eighty-four-article-1.1558183>>. Acesso em: 16 out. 2018.

MUST WATCH: President Trump Takes ON CNN Reporter Jim Acosta During Press Conference (FNN). **Publicado no Youtube por Fox 10 Phoenix**, 16 fev. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=-_URYdrYEMk>. Acesso em: 5 nov. 2017.

NSA, **site oficial**, s/d. Disponível em: <<https://www.nsa.gov/about/mission-strategy/>> Acesso em: 20 set. 2017.

ONDA de 'fake news' mudou a forma de consumir notícias online, diz Kantar. **O Globo**, 31 out. 2017. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/onda-de-fake-news-mudou-forma-de-consumir-noticias-online-diz-kantar-22015863>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

ORWELL, George. **1984**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. **A revolução dos bichos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PESQUISA mostra como leitores combatem as 'fake news'. **Jornal nacional**, 1 nov. 2017. Disponível em: <<http://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2017/11/pesquisa-mostra-como-leitores-combatem-fake-news.html>>. Acesso em: 27 nov. 2017.

POITRAS, Laura. **Citizenfour**. Estados Unidos, 2014. 114 min.

PROFILE: Edward Snowden. **BBC News**, 16 dez. 2013. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/world-us-canada-22837100>>. Acesso em: 26 set. 2017.

REBS, Rebeca Recuero. O excesso no discurso de ódio dos haters. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 14, p. 2512-23, nov. 2017. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/forum/article/view/19848412.2017v14nespp2512/35377>>. Acesso em: 07 ago. 2018.

RILEY, Charles. Sales of Orwell's '1984' Spike After NSA Leak, **CNN Money**, 12 jun. 2013. Disponível em: <<https://money.cnn.com/2013/06/12/news/1984-nsa-snowden/index.html>>. Acesso em: 16 out. 2018.

RODRIGUES, Thiago. Narcotráfico e militarização nas Américas: Vício de guerra. **Contexto Internacional**, PUC-Rio: Rio de Janeiro, v. 34, n. 1, jan/jun, 2012, pp. 9-41.

SALES of George Orwell's '1984' Surge After Kellyanne Conway's Alternative Facts', **The Guardian**, 24 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/books/2017/jan/24/george-orwell-1984-sales-surge-kellyanne-conway-alternative-facts>>. Acesso em: 16 out. 2018.

SCHWARTZ, Drew. Trump's 'Proud' of Starting 'This Whole Fake News Thing'. **Vice**, 26 out. 2017. Disponível em: <https://www.vice.com/en_us/article/7x4b5y/trumps-proud-of-starting-this-whole-fake-news-thing-vgtrn>. Acesso em: 6 nov. 2017.

SOBKOWICZ, Pawel; SOBKOWICZ, Antoni. Dynamics of Hate Based Internet User Network. **Physics of Condensed Matter**, Fev. 2010. Disponível em: <<https://link.springer.com/article/10.1140/epjb/e2010-00039-0>>. Acesso em: 1 ago. 2018.

THE REAL Story of 'Fake News'. **Merriam-Webster**, s/d. Disponível em: <<https://www.merriam-webster.com/words-at-play/the-real-story-of-fake-news>>. Acesso em: 6 nov. 2017.

TRUMP TO CNN Reporter: You are Fake News. **CNBC**, 11 jan. 2017. Disponível em: <<https://www.cnn.com/video/2017/01/11/trump-to-cnn-reporter-you-are-fake-news.html>>. Acesso em: 8 nov. 2017.

TRUST in News. **Kantar**, 2017. Disponível para download em: <<https://br.kantar.com/tecnologia/comportamento/2017/trust-in-news-confianca-nas-noticias-estudo-kantar/>>. Acesso em: 22 nov. 2017.

US ELECTION 2016. **BBC**, s/d. Disponível em: <<http://www.bbc.com/news/election/us2016/results>>. Acesso em: 3 nov. 2017.

ANEXOS

A — Fac-símile de documento divulgado por Snowden:

TOP SECRET//SI//NOFORN

UNITED STATES

FOREIGN INTELLIGENCE SURVEILLANCE COURT

WASHINGTON, D.C.

IN RE APPLICATION OF THE
FEDERAL BUREAU OF INVESTIGATION
FOR AN ORDER REQUIRING THE
PRODUCTION OF TANGIBLE THINGS
FROM VERIZON BUSINESS NETWORK SERVICES,
INC. ON BEHALF OF MCI COMMUNICATION
SERVICES, INC. D/B/A VERIZON
BUSINESS SERVICES.

Docket Number: BR

13 - 8 0

SECONDARY ORDER

This Court having found that the Application of the Federal Bureau of Investigation (FBI) for an Order requiring the production of tangible things from **Verizon Business Network Services, Inc. on behalf of MCI Communication Services Inc., d/b/a Verizon Business Services (individually and collectively "Verizon")** satisfies the requirements of 50 U.S.C. § 1861,

IT IS HEREBY ORDERED that, the Custodian of Records shall produce to the National Security Agency (NSA) upon service of this Order, and continue production

TOP SECRET//SI//NOFORN

Derived from: Pleadings in the above-captioned docket
Declassify on: 12 April 2038

TOP SECRET//SI//NOFORN

on an ongoing daily basis thereafter for the duration of this Order, unless otherwise ordered by the Court, an electronic copy of the following tangible things: all call detail records or "telephony metadata" created by Verizon for communications (i) between the United States and abroad; or (ii) wholly within the United States, including local telephone calls. This Order does not require Verizon to produce telephony metadata for communications wholly originating and terminating in foreign countries.

Telephony metadata includes comprehensive communications routing information, including but not limited to session identifying information (*e.g.*, originating and terminating telephone number, International Mobile Subscriber Identity (IMSI) number, International Mobile station Equipment Identity (IMEI) number, etc.), trunk identifier, telephone calling card numbers, and time and duration of call. Telephony metadata does not include the substantive content of any communication, as defined by 18 U.S.C. § 2510(8), or the name, address, or financial information of a subscriber or customer.

IT IS FURTHER ORDERED that no person shall disclose to any other person that the FBI or NSA has sought or obtained tangible things under this Order, other than to: (a) those persons to whom disclosure is necessary to comply with such Order; (b) an attorney to obtain legal advice or assistance with respect to the production of things in response to the Order; or (c) other persons as permitted by the Director of the FBI or the Director's designee. A person to whom disclosure is made pursuant to (a), (b), or (c)

TOP SECRET//SI//NOFORN

TOP SECRET//SI//NOFORN

shall be subject to the nondisclosure requirements applicable to a person to whom an Order is directed in the same manner as such person. Anyone who discloses to a person described in (a), (b), or (c) that the FBI or NSA has sought or obtained tangible things pursuant to this Order shall notify such person of the nondisclosure requirements of this Order. At the request of the Director of the FBI or the designee of the Director, any person making or intending to make a disclosure under (a) or (c) above shall identify to the Director or such designee the person to whom such disclosure will be made or to whom such disclosure was made prior to the request.

IT IS FURTHER ORDERED that service of this Order shall be by a method agreed upon by the Custodian of Records of Verizon and the FBI, and if no agreement is reached, service shall be personal.

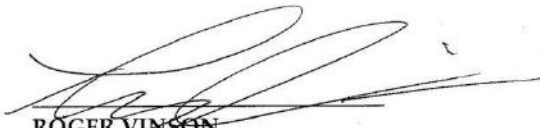
-- *Remainder of page intentionally left blank.* --

TOP SECRET//SI//NOFORN

TOP SECRET//SI//NOFORN

This authorization requiring the production of certain call detail records or "telephony metadata" created by Verizon expires on the 19th day of July, 2013, at 5:00 p.m., Eastern Time.

Signed 04-25-2013 02:26 Eastern Time
Date Time



ROGER VINSON
Judge, United States Foreign
Intelligence Surveillance Court

I, Beverly C. Queen, Chief Deputy
Clerk, FISC, certify that this document
is a true and correct copy of the
original. *BK*

TOP SECRET//SI//NOFORN

Primeiro documento revelado, em 6 de junho de 2013, por Glenn Greenwald, segundo o Snowden Surveillance Archive. Disponível em:
<<https://snowdenarchive.cjfe.org/greenstone/collect/snowden1/index/assoc/HASH01fe/40155e86.dir/doc.pdf>>. Acesso em: 11 mar. 2018.

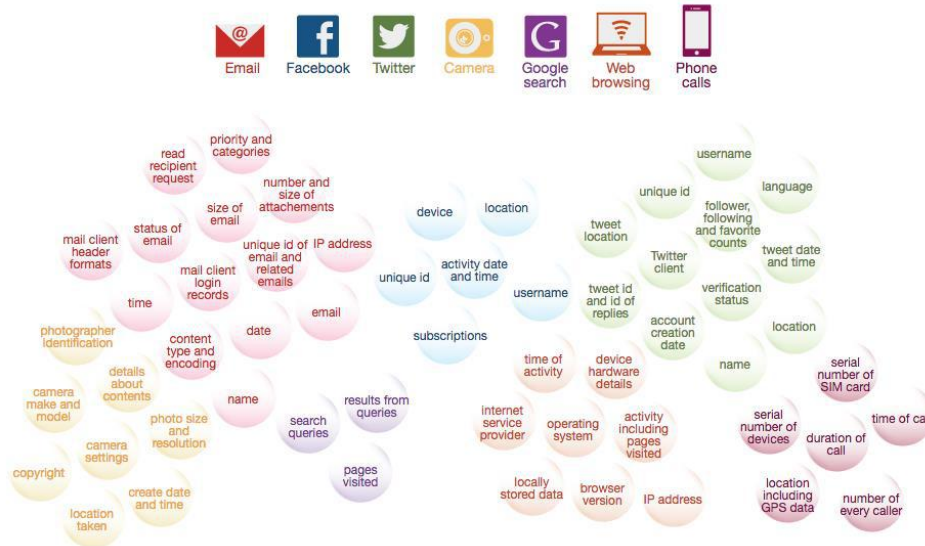
B — Compartilhamento de Informações:



the guardian | NSA FILES 1 2 3 4 5 6 NEW EXTENDED INTERVIEWS

by Feilding Cage

The chances are you are sharing a lot more personal information than you think ...



Infográfico por Feilding Cage (MACASKILL; DANCE, 2013).

C — Tuíte de Donald Trump de 4 out. 2017:

Donald J. Trump
 @realDonaldTrump

Seguir

NBC news is **#FakeNews** and more dishonest than even CNN. They are a disgrace to good reporting. No wonder their news ratings are way down!

Traduzir do inglês

07:47 - 4 de out de 2017

22.004 Retweets 95.747 Curtidas

Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/915589297096536065>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

D — Tuíte de Donald Trump de 12 out. 2017:



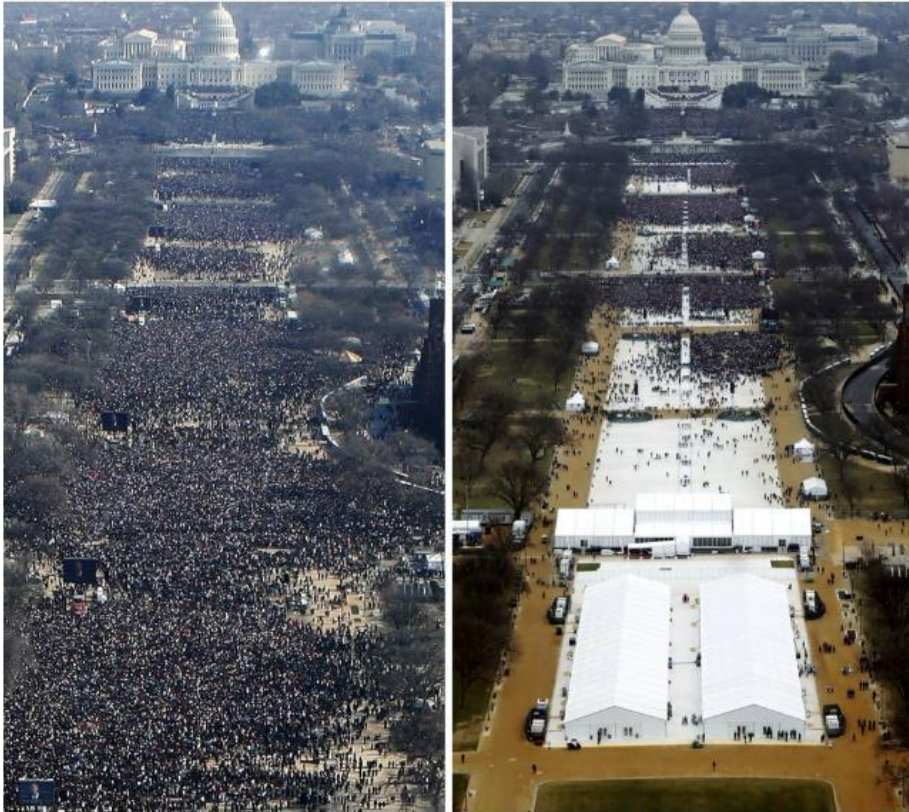
Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/918457595618365441>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

E — Tuíte de Donald Trump de 17 out. 2017:



Disponível em: <<https://twitter.com/realDonaldTrump/status/920406959320371200>>. Acesso em: 5 nov. 2017.

F — Visão aérea das posses de primeiro mandato de Obama (esq.) e Trump (dir.).



Vista do National Mall na posse de Obama (esq.), em 2009, e de Trump (dir.), em 2017.

(AHRENS, 2017).